



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE
CURSO DE FINANÇAS

DALTON FELIPE DE CARVALHO GONDIM

**SUPORTE DE INCUBADORAS PARA EMPRESAS ASSISTIDAS NO CONTEXTO
DA INOVAÇÃO**

FORTALEZA

2018

DALTON FELIPE DE CARVALHO GONDIM

**SUPORTE DE INCUBADORAS PARA EMPRESAS ASSISTIDAS NO CONTEXTO
DA INOVAÇÃO**

Monografia II apresentada ao Curso de Finanças da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (FEAAC) da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Finanças.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maria dos Santos.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G635s Gondim, Dalton Felipe de Carvalho.
Suporte de incubadoras para empresas assistidas no contexto da inovação / Dalton
Felipe de Carvalho Gondim. – 2018.
55 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,
Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Finanças,
Fortaleza, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Sandra Maria dos Santos.

1. Inovação. 2. Incubadoras. 3. Padetec. 4. Empresas assistidas. I. Título.

CDD 332

DALTON FELIPE DE CARVALHO GONDIM

**SUPORTE DE INCUBADORAS PARA EMPRESAS ASSISTIDAS NO CONTEXTO
DA INOVAÇÃO**

Monografia II apresentada ao Curso de Finanças da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (FEAAC) da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Finanças.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sandra Maria dos Santos (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Paulo de Melo Jorge Neto (DEA)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Rui de Almeida Rocha (DEA)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela força e saúde concedida para superar as dificuldades e permitir a realização desse sonho.

A minha família, em especial a minha mãe, pelo apoio, dedicação, por ser meu maior exemplo de inspiração e de vida.

E ao corpo docente, por tornar possível meu desempenho acadêmico e possibilitar as melhores oportunidades para meu crescimento como aluno.

RESUMO

As incubadoras adotam políticas com ênfase no apoio ao investimento de setores e infraestrutura, necessário para o alcance dos objetivos de crescimento de longo prazo e exercendo papel fundamental para a competitividade e sobrevivência das empresas. Aliar a inovação às incubadoras é essencial como estratégia central para definir o foco em pesquisas, articulando empresas e atividades dos mais diferentes setores para impulsionar esse processo através da alocação de investimentos, dando o suporte necessário e tendo a principal função de preparar empresas incubadas para a saída da incubadora, agregando condições propícias para que esta permaneça no mercado. A pesquisa tem como objetivo investigar a contribuição das incubadoras para o desenvolvimento de empresas assistidas. A pesquisa é de natureza descritiva. A coleta de dados foi realizada com base em dados secundários oriundos de fontes bibliográficas e dados primários coletados através de uma pesquisa de campo. Optou-se pela pesquisa de campo através da aplicação de questionários, um para as empresas e outro para a incubadora. Verificou-se que a incubadora em relação às empresas assistidas oferece como principais serviços, a orientação empresarial e a consultoria financeira. Quanto à infraestrutura, os principais destaques ficam para a sala de reuniões e o laboratório. Quanto à existência de dificuldades e limitações no relacionamento, não existem limitações, mas existe o distanciamento com a universidade. Conclui-se que o PADETEC foi fundamental para o processo de desenvolvimento das empresas e determinando para a continuidade no mercado.

Palavras-chave: Inovação, Incubadoras, PADETEC, Empresas assistidas.

ABSTRACT

Incubators adopt policies with an emphasis on supporting investment in sectors and infrastructure, necessary for the achievement of long-term growth objectives and playing a key role in the competitiveness and survival of enterprises. Allying innovation to incubators is essential as a central strategy to focus on research, articulating companies and activities from the most different sectors to drive this process through the allocation of investments, providing the necessary support and having the main function of preparing incubated companies for the incubator, adding favorable conditions for it to remain in the market. The research aims to investigate the contribution of incubators to the development of assisted companies. The research is descriptive in nature. Data collection was performed based on secondary data from bibliographic sources and primary data collected through a field survey. We chose field research through the application of questionnaires, one for the companies and another for the incubator. It was verified that the incubator in relation to the companies assisted offers as main services, the business orientation and the financial consultancy. As for the infrastructure, the main highlights are for the meeting room and the laboratory. As for the existence of difficulties and limitations in the relationship, there are no limitations, but there is distancing with the university. It is concluded that PADETEC was fundamental for the process of development of the companies and determining for the continuity in the market.

Keywords: Innovation, Incubators, PADETEC, Assisted Companies

LISTA DE GRÁFICOS

1 Situação das empresas assistidas	23
2 Área de atuação das empresas assistidas	23
3 Situação das empresas assistidas em relação ao tempo de P&D.....	24
4 Atividade principal das empresas de P&D.....	25
5 Classificação das atividades assistidas de P&D.....	25
6 Suporte recebido pelas incubadoras.....	26
7 Suporte dado pela incubadora quanto aos serviços oferecidos às empresas assistidas	26
8 Contribuições destacadas pelas empresas assistidas em relação a parceria com a incubadora	27
9 Barreiras e dificuldades no processo de interação entre empresas e incubadora..	28

LISTA DE QUADROS

1 Estudos bibliométricos sobre inovação e empresas incubadas.....	15
2 Empresas assistidas pelo PADETEC.....	22
3 Empresas participantes da pesquisa.....	23
4 Tempo de participação das empresas assistidas pela incubadora.....	24
5 Empresas graduadas pelo PADETEC.....	49
6 Empresas incubadas pelo PADETEC.....	52
7 Empresas participantes da pesquisa.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPROTEC – Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologia Avançada

MKT - Marketing

MPE`s – Micro e Pequenas Empresas

OCDE – Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PADETEC – Parque de Desenvolvimento Tecnológico

PNI – Programa Nacional de Apoio a Incubadoras de Empresas

P&D – Pesquisa e Desenvolvimento

SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SPELL – *Scientific Periodicals Eletronic Library*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO	5
2.1 Inovação	5
2.2 Venture capital	8
2.3 Incubadoras	10
2.4 Estudos bibliométricos sobre empresas incubadas e inovação	14
3 METODOLOGIA	21
3.1 Tipologia	21
3.2 Coleta de dados	21
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	23
4.1 Caracterização das empresas pesquisadas	23
4.2 Suporte recebido das empresas pela incubadora	23
4.3 Apreciação da relação incubadora e empresas assistidas	28
5 CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO ENVIADO AO PADETEC	41
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO ENVIADO ÀS EMPRESAS	45
ANEXO A - EMPRESAS GRADUADAS PELO PADETEC	48
ANEXO B - EMPRESAS INCUBADAS PELO PADETEC	51
ANEXO C - EMPRESAS PARTICIPANTES DA PESQUISA	54

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a tecnologia e a inovação vêm ganhando cada vez mais importância na maioria dos países. Na maior parte dos países integrantes da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 1997), os governos estão adotando políticas que dão ênfase ao apoio no investimento em setores intensivos em tecnologia e à infraestrutura necessária para alcançar objetivos de crescimento de longo prazo.

Autores importantes como Schumpeter (1997) e (KLINE; ROSENBERG, 1986) defendem a necessidade do processo de inovação para o progresso econômico e social. É fator propulsor das políticas de geração de emprego e renda, sendo capaz de reduzir as externalidades negativas provenientes do sistema produtivo ou até mesmo gerar externalidades positivas (MCGUIRK; LENIHAN; HART, 2015). Para Schumpeter (1997) a inovação é fator fundamental para a competitividade e a sobrevivência das empresas em seus ambientes setoriais e de mercado.

A inovação como condição para a longevidade das empresas tem sido cada vez mais discutida e entendida como fundamental para sua competitividade e sobrevivência. As companhias competitivas estão investindo cada vez mais em inovação, isso em virtude da concorrência nacional e internacional, o que as torna mais competentes e com o objetivo de sucesso e sobrevivência no mercado (BUGANZA; VERGANTI, 2009, p.306).

A importância da inovação, de uma maneira geral, é percebida como essencial para a sobrevivência num cenário cada vez mais competitivo e globalizado. A inovação como estratégia central da empresa orienta investimentos, define o foco de pesquisas e de novos desenvolvimentos a partir do ponto de vista do mercado.

Nos países com economia mais desenvolvida, a política industrial é percebida de maneira mais abrangente e sua função é articular e envolver empresas de diferentes setores e atividades, tendo as tecnologias de informação e as

comunicações como molas impulsoras do processo. As pequenas e médias empresas recebem tratamento diferenciado na alocação dos investimentos (LASTRES; ABIGAIL, 1999; LORA 2001).

O Sebrae (2017) defende que a taxa de mortalidade de empresas existentes em até dois anos é variável entre 40% e 19%, dentre todos os tipos de empresas. Para isso, a inovação tem se tornado essencial e ferramenta garantidora das organizações que querem se manter em um mercado competitivo, além de ser divisor de águas para as empresas que buscam apresentar produtos e serviços com diferenciais, na busca pela sobrevivência dos negócios.

Contudo, muitas empresas, especialmente as de pequeno porte, não apresentam condições suficientes para enfrentar esse ambiente competitivo. No entanto, surgiram políticas de apoio para essas empresas mais frágeis. Os obstáculos que os empreendedores enfrentam ao criar uma empresa são muitos, porém quando não são apoiados por programas de amparo e apoio, tais como as incubadoras, SEBRAE e universidades, estas empresas ficam vulneráveis ao insucesso.

Cada vez mais os países têm buscado mecanismos que promovam o desenvolvimento econômico e tecnológico. Nesse contexto, as incubadoras de empresas têm se revelado como um mecanismo capaz de influenciar positivamente o desenvolvimento econômico e tecnológico da região onde estão instaladas, através do apoio da criação de empresas sólidas e de sucesso.

Nas últimas décadas esse relacionamento entre universidade e empresas vem aumentando devido à necessidade das empresas por inovação e conhecimento e das universidades por maior atuação com relação às necessidades e demandas do mercado.

Miziara e Carvalho (2008) mencionam que a concretização deste movimento no Brasil se deu a partir de 1987, com a criação da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas (ANPROTEC), cuja missão é representar e defender os interesses das incubadoras, dos parques tecnológicos e estipular a criação e o fortalecimento de empresas, baseadas no conhecimento.

As incubadoras contribuem para o desenvolvimento de pequenas empresas incubadas através de recursos que potencializam essas empresas para permanecerem no mercado e garantir a sobrevivência. As incubadoras são suportes de apoio na fase inicial de uma empresa incubada, dando suporte de infraestrutura, serviços, orientação sobre as linhas de crédito, capacitação técnica e gerencial e serviços básicos, por um determinado período de tempo. O papel principal das incubadoras é preparar as empresas incubadas para sua graduação (saída da incubadora), proporcionar possibilidades e condições para permanência dos negócios no mercado. (SOUSA; DANTAS; AOUAR; BARRETO, 2015).

Fernandes *et al* (2004), relatam que as empresas incubadas têm um perfil inovador, com aspectos diferenciados das empresas modernizadas, demonstram capacidade de pesquisa, desenvolvimento e inovação, e capacitação de recursos humanos qualificados.

As incubadoras contribuem para o desenvolvimento de empresas incubadas, promovendo o fortalecimento e o desenvolvimento através dos recursos disponibilizados. Fato que possibilita o sucesso e competitividade no mercado.

O Brasil tem mais de 400 incubadoras que já formaram mais de 2500 empresas, faturando mais de 4 bilhões de reais por ano e empregam mais de 30 mil pessoas, mas o resultado dessas incubadoras na economia do país vai além disso. Pois, muitos dos projetos que tramitam, trazem melhores processos de governança, novas tecnologias, avanços para o País que cresce como o Brasil, tentando formar um empreendedor no indivíduo que começou como técnico, tendo abordagem de características de liderança, como desenvolvê-las e permitindo que a empresa cresça de forma saudável com o espírito empreendedor (MARTINS, 2014 a).

Dessa forma, essa pesquisa justifica-se pela necessidade de mostrar a importância da inovação, as dificuldades de inovação para as pequenas empresas e a importância da interação universidade-empresa.

Nessa perspectiva tem-se como questão de pesquisa: Qual a contribuição de incubadoras para o desenvolvimento das empresas assistidas?

Sendo assim, o objetivo geral desse trabalho é investigar a contribuição de incubadoras para o desenvolvimento das empresas assistidas. Como objetivos específicos tem-se: a) verificar o suporte de uma incubadora em relação aos serviços oferecidos; b) verificar o suporte de uma incubadora em relação à infraestrutura; e c) identificar dificuldades e limitações da relação entre incubadora e empresa assistida.

A pesquisa é de natureza descritiva, com base nos dados secundários de fontes bibliográficas e dados primários através de pesquisa de campo com coleta de dados realizada em 2017. Participaram da pesquisa as empresas assistidas pelo PADETEC, um parque tecnológico criado pela Universidade Federal do Ceará, para estimular a criação de empresas de base tecnológica.

Este trabalho está estruturado em cinco sessões, a saber: Introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e conclusão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Inovação

A inovação é um dos principais fatores das mudanças econômicas na época contemporânea, e essas mudanças podem ocorrer de várias formas, se tornado um propulsor do sistema capitalista ocidental (SCHUMPETER, 1997).

A inovação pode ocorrer de diferentes formas e em diferentes áreas, não sendo necessariamente um processo que envolva a forma de produzir um bem. As principais formas de inovação são os avanços tecnológicos, as novas ou as renovadas necessidades do consumidor, o aparecimento de novos segmentos de indústria, os custos ou as oportunidades oscilantes de insumos, ou ainda, as mudanças na regulamentação governamental, sendo que estas geram apenas a oportunidade de fazer algo inovador, pois anteriormente isso não era possível em virtude das leis. Esses fatores resultam em vantagens competitivas para quem consegue perceber logo seu significado e agir para aproveitá-lo. (PORTER, 1986).

A inovação muitas vezes se confunde com outros conceitos, sendo necessário defini-la para diferenciá-la de invenção. Segundo Bozeman e Link (1984), invenção é o desenvolvimento de uma nova tecnologia, enquanto a inovação somente surge quando esta criação é colocada em uso. Assim sendo, inovação é considerada como algo novo, podendo ser um produto, um serviço, ou até um novo processo ou modelo de gestão capaz de gerar valor para economia.

Para Schumpeter (1997), inovação pode ocorrer de cinco diferentes formas:

- a) introdução de um novo bem ou serviço, ou seja, algo com que os consumidores ainda não estejam familiarizados ou de uma nova qualidade;
- b) introdução de um novo método de produção, ou seja, um método que ainda não tenha sido testado pela indústria de transformação, não precisando ser baseado em uma descoberta cientificamente nova, podendo consistir em uma nova maneira de manejar comercialmente uma mercadoria;
- c) abertura de novos mercados, ou seja, de mercados em que o ramo da indústria de transformação do país em questão ainda não esteja inserido;
- d) conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas de

bens semimanufaturados ou serviços independentemente do fato dessa fonte já existir ou ter sido criada; e) estabelecimento de uma nova organização de indústria como a criação de monopólio, como exemplo, pela trustificação ou a fragmentação de uma posição de monopólio.

Existem classificações para diferentes tipos de inovação, essas classificações ocorrem devido ao impacto que causam na economia como um todo, sem necessariamente alterar o produto final que será vendido. As inovações podem ser classificadas como de produtos, de processos, de marketing e organizacionais segundo a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OECD, 1997, p. 23).

As inovações de produtos referem-se à introdução de produtos ou serviços novos ou com melhorias significativas em relação às suas características. As inovações de processos, referem-se ao desenvolvimento de métodos de fabricação ou entrega ou novas formas de relacionamento na prestação de serviços.

As inovações de marketing, contemplam a implantação de novos métodos de marketing envolvendo mudanças significativas no design do produto ou embalagem, na promoção ou precificação do produto. Já as inovações organizacionais, consideram a implementação de novos métodos organizacionais nas práticas de negócio, na organização do local de trabalho ou nas relações externas (OECD, 1997, p. 23).

Para que as vantagens da inovação entrem no mercado é necessário que algumas etapas sejam seguidas. De acordo com Tidd, Bessant e Pavitt (2008), esse processo compreende quatro etapas: a identificação de oportunidades por meio do ambiente de mercado; a escolha das oportunidades de inovação mais viáveis; a obtenção de recursos necessários (financeiros, materiais ou tecnológicos); o desenvolvimento e implementação de projetos de inovação.

A questão da inovação pode ser encarada também como uma necessidade do empreendedor, pois se ele não utiliza processos novos e úteis em sua empresa, elas podem acabar perdendo sua capacidade de competição. “A inovação destina-se a dar mais competitividade a uma tecnologia ou descoberta tecnológica de um produto ou processo, ampliando a participação da empresa no mercado, assim

agregando valor econômico e lucratividade”. (NICOLSKY, 2008, p.1) A inovação permite que as empresas possam competir tanto no mercado nacional como no internacional.

Para a inovação ocorrer ela necessita de um agente, pois ela é desenvolvida por pessoas empreendedoras, são as que possibilitam o processo de inovação, inovando a ponto de criar condições para uma radical transformação de um determinado setor, ramo de atividade ou território. A inovação não pode ocorrer sem provocar mudanças para a sociedade, pois ela cria oportunidades de emprego, produção e serviços que antes não existiam (SCHUMPETER, 1985).

A definição com a qual Schumpeter trabalha é precisa, pois o empreendedor é aquele que realiza novas combinações dos meios produtivos, que são: introdução de um novo bem; introdução de um novo método de produção; abertura de um novo mercado; conquista de uma nova fonte de oferta de matérias primas ou bens semimanufaturados; e constituição ou fragmentação de posição de monopólio (SCHUMPETER, 1985).

Diferente da teoria neoclássica que considera o capitalista o agente gerador das mudanças nos meios de produção, mas o detentor do capital não é necessariamente um empreendedor, “ainda que corram riscos e tenham o controle da propriedade” (SCHUMPETER, 1985).

É do capitalista que vem o crédito, sendo os bancos, as instituições financeiras que sustentam a inovação. “Ele se coloca entre os que desejam formar combinações novas e os possuidores dos meios produtivos. Tornando assim possível a realização de novas combinações, sendo o foro da economia de trocas” (SCHUMPETER, 1985, p. 52).

A inovação necessita de financiamento para se desenvolver, dessa forma os empresários encontram maneiras variadas de financiamento. As novas empresas trabalham com estratégias diversas, em virtude disso combinam diferentes pacotes de ativos. As decisões são baseadas com relação à seleção de recursos dos detentores de capital externo, isso porque decidem alocar seus recursos nessas empresas (ALDRICH, 1999).

2.2 Venture capital

Existem vários tipos de investidores no mercado, os conservadores e os que ariscam mais. Sabe-se que quanto maior o risco, maior o retorno, sendo assim, os mais propensos ao risco encontram uma grande oportunidade em investir em capital de risco.

Os recursos disponibilizados pelos bancos públicos dão suporte às Micro e Pequenas Empresas (MPEs), mas não o suficiente para atender todas as necessidades de crédito das empresas, para realizarem seus projetos de inovação. Dessa forma as empresas recorrem a outros investidores como é o caso dos investidores em capital de risco (venture capital). (SEBRAE, 2017).

Para Jeng e Wells (2000), a definição de *venture capital* usada nos Estados Unidos divide-se em três tipos de investimento (*seed*, *startups* e investimento em expansão). Essas formas de investimentos são classificadas como estágios de desenvolvimento recebidos pelas companhias.

Capital Seed (semente) é o primeiro tipo de financiamento para uma recém-fundada companhia que pode ser segurada. Esses fundos iniciais são tipicamente usados para a produção, a pesquisa, o desenvolvimento e para o acesso à comercialização das ideias potenciais. Os investimentos em *startups*, são vistos como companhias que já passaram pelo estágio da ideia e estão no estágio de produção, mercado e venda de seus produtos (GAZZONI; OSCAR; FRAGA, 2012).

Companhias nesse estágio, continuam usando mais dinheiro do que são capazes de gerar. Investimentos em estágio de *seed* ou em *startup* também são referidos simplesmente como estado de investimento inicial. Após a companhia passar pelo estágio inicial, torna-se uma candidata potencial para o estágio de expansão. Nessa condição, a companhia já estabilizou seu produto e seu espaço no mercado, frequentemente precisa de capital adicional para o fundo de crescimento como a capacidade de manufatura e distribuição dos produtos, que são tão bons quanto os fundos em pesquisa e desenvolvimento (MOREIRA, 2011).

O capital de risco pode variar de acordo com o tipo de investidor de acordo com o estágio de desenvolvimento da ideia ou da empresa. O capital de risco é

dividido em quatro fases, tomando como base o estágio em que acontece o investimento. Segundo Carvalho, Ribeiro e Furtado (2008) essas fases são:

a) o investidor-anjo ou *angel money* tem sua origem em uma pessoa física que financia o desenvolvimento de *startups* na sua fase inicial, muitas vezes ainda no estágio de planejamento, a aplicação nessa modalidade é pequena comparada com as outras formas de investimento, podendo variar de 50 mil até 500 mil reais, sendo muito comum os investidores anjo venderem sua parte da empresa no final do processo. “Outra fonte de recursos para empresas nascentes, são os órgãos de fomento como a FINEP, SEBRAE, CNPq, FAPs (FAPERJ, FAPESP, FAPEMIG etc) e outros, que fornecem recursos não reembolsáveis normalmente para inovação” (CARVALHO; RIBEIRO; FURTADO, 2008, p. 18-19).

b) o capital semente representa o próximo passo de investimento onde a empresa pode ser definida quanto ao seu produto e a seus clientes. Esse tipo de investidor que investe na fase inicial da empresa, visando validar o modelo de negócios e dar os primeiros passos da empresa. O investimento médio fica em torno de 500 mil e 2 milhões de reais;

c) o *venture capital* acontece quando a empresa está bem mais consolidada e provavelmente já apresenta algum faturamento. O *venture capital* financia as primeiras expansões, elevando a empresa a novos patamares de mercado e podendo também prepará-la para sua abertura de capital, fusão ou venda. O aporte varia de 2 milhões a 10 milhões de reais;

d) finalmente tem-se, os fundos de *private equity*, esse investimento normalmente acontece em uma fase anterior a uma grande venda, fusão ou abertura de capital. Os fundos buscam empresas que faturam valores superiores a 10 milhões de reais.

O desempenho de *venture capital* pode ser observado em várias companhias que possuíam tecnologias inovadoras e um grande potencial de crescimento (JENG; WELLS, 2000). Empresas de sucesso como a Apple, a Compaq, a Intel e a Microsoft foram todas apoiadas pelo *venture capital*.

A inovação é necessária para manter empresas competitivas ou criar novas, mas torna-se difícil para micro e pequenas empresas conseguirem financiamentos

nos bancos a uma taxa mais acessível, dessa forma, o capital de risco entra para apoiar esse processo. (CHAN, 1983; SHEPHERD, ETTENSON, CROUCH, 2000).

A grande volatilidade da indústria do capital de risco ocorre de acordo com a percepção das pessoas às novas oportunidades. Essa volatilidade se manifesta pelo número de formas que os investimentos das firmas de capital de risco fluem, fazendo-se investimentos em companhias de portfólio e pelo desempenho financeiro. (GOMPERS, 2008).

2.3 Incubadoras

A inovação tem sido apontada como responsabilidade das empresas, do governo e das universidades, o que foi chamado de “Hélice Tríplice”. Lu (2008, p. 250) define a hélice tríplice como um modelo “criado com uma tentativa de capturar e explicar a dinâmica de processos de inovação e redes complexas entre as instituições de conhecimento exploração e aproveitamento”. A primeira pá da hélice é representada pelo governo enquanto prestador de serviço. Abdala, Calvosa e Batista (2009) definem que o governo assume o papel de interventor, por meio de subsídios para ciência e tecnologia, incentivos fiscais e alfandegários, legislação e incentivos a educação e formação superior para a população.

Trevisan e Silva (2010) definem que a segunda hélice é a universidade, que por sua vez cria incubadoras, por meio de novas fontes de conhecimento e é responsável pelo estabelecimento de novas áreas de atuação. A terceira é representada pelo setor privado, que é responsável pelo “desenvolvimento de produtos e de serviços inovadores, promoção da interação com os centros de transferência de tecnologia e liderança nos processos de mudança” (TREVISAN; SILVA, 2010, p. 3-4). Os referidos autores destacam que “relações entre as três hélices podem ser consideradas um componente fundamental para inovação em uma sociedade cada vez mais baseada no conhecimento”.

Lastres e Cassiolato (2003) afirmam que a origem de habitats de inovação dão alicerces à ideia e capacidade de inovação, dada por fatores sociais,

políticos, culturais e institucionais de agentes econômicos. Esses habitats são espaços de aprendizagem usados por empresas, instituições e agentes governamentais que contribuem no desenvolvimento do País. (CORREIA; GOMES 2012).

Tendo a incubação como mecanismo de interação entre universidades e empresas, o conhecimento é transformado em produtos à sociedade, tendo como características de seus ambientes; flexibilidade, crescimento de novos empreendimentos, aceleração do desenvolvimento através de serviço previamente orientado por profissionais, na busca pela criação de novas empresas de sucesso, competitividade e desenvolvimento constante mesmo no período pós-incubadora. (DORNELAS, 2002).

As incubadoras são definidas por Abid *et al.* (2012) como ambiente de suporte ao empreendedor para desenvolvimento de ideias inovadoras e preparar novas empresas no processo de elaboração de produtos através da criação e transferência do conhecimento entre universidades e incubadoras para produzir empresas graduadas bem-sucedidas e autossustentáveis, em seu desenvolvimento.

Wiggins e Gibson (2003) citado por Andino (2005) defendem que uns dos princípios básicos para garantir o sucesso do processo de incubação são: estabelecimento de medidas claras do sucesso a ser alcançado e de capacidades de liderança empreendedoras, desenvolvimento de processos de seleção e facilitação do acesso a recursos de capital para incubadoras.

Nesse processo, Abreu *et al.* (2006) defendem que a fase pré-incubação dura em entre três meses a um ano, onde deve aprimorar seu plano de negócios e realizar pesquisa de mercado gerindo de forma eficaz o empreendimento. Na fase de incubação, a atenção da incubadora é essencial para orientar e acompanhar as empresas e desenvolvimento do plano de negócios agregando valores e acompanhando, tendo duração de dois anos e podendo variar de acordo com o negócio.

A incubadora tende a estimular o surgimento e o desenvolvimento de empresas por meio da formação complementar do empreendedor nos aspectos

técnicos e gerenciais. Empreendedor que, segundo Dornelas (2008), é uma pessoa diferente que possui uma motivação singular, além de identificar uma oportunidade de mercado, também possui habilidades para encontrar os recursos necessários à transformação de tal oportunidade num negócio efetivo.

O Programa Nacional de Apoio à Incubadora de Empresas (PNI), do Ministério da Ciência e Tecnologia (2000), aponta os seguintes serviços e facilidades que esses empreendimentos fornecem às empresas incubadas: a) espaço físico individualizado para a instalação de escritórios e laboratórios de cada empresa admitida; b) espaço físico para uso compartilhado, tais como: sala de reuniões, auditório, área para demonstração de produtos, processos e serviços das empresas incubadas, secretaria, serviços administrativos e instalações laboratoriais; c) capital humano e serviços especializados que auxiliem as empresas incubadas em suas atividades, como: gestão empresarial, gestão da inovação tecnológica, comercialização de produtos e serviços, marketing, assistência jurídica, captação de recursos, contratos com financiadores, engenharia de produção e propriedade intelectual, entre outros; d) capacitação/formação/treinamento de empreendedores nos principais aspectos gerenciais, tecnológicos e humanos, com o intuito de auxiliá-los na manutenção de seus empreendimentos; e e) acesso a laboratórios e bibliotecas de universidades e instituições que desenvolvam atividades tecnológicas, ou não.

As incubadoras de empresas assumem importante papel como agentes do desenvolvimento econômico e como participantes do processo de formação de empreendedores e empresas. Pelo fato de abrigarem empresas emergentes em sua fase inicial, as incubadoras aceleram o processo empreendedor, sendo a ponte entre a concepção e a consolidação da empresa no mercado (LICHTENSTEIN, LYONS, 1996). Muitas empresas de sucesso que já passaram pelo processo de incubação, dificilmente atingiriam o patamar em que se encontram caso não tivessem passado por uma incubadora de empresas. Devido ao apoio que essas empresas recebem das instituições como é o caso do suporte técnico e administrativo.

No processo de incubação as empresas assistidas são de duas naturezas: incubadas e graduadas.

A ANPROTEC (2002) define empresa incubada como organizações que desenvolve produtos ou serviços inovadores, está abrigada em incubadora de empresas, passa por processo de seleção e recebe apoio técnico, gerencial e financeiro de rede de instituições constituída especialmente para criar e acelerar o desenvolvimento de pequenos negócios. Também define empresa graduada como organização que passa pelo processo de incubação e que alcança desenvolvimento suficiente para ser habilitada a sair da incubadora. Algumas instituições usam o termo “empresa liberada”. A empresa graduada pode continuar mantendo vínculo com a incubadora na condição de empresa associada.

O Programa Nacional de Apoio à Incubadora de Empresas, do Ministério da Ciência e Tecnologia (2000), descreve a estrutura operacional e de procedimentos das incubadoras: a) as estratégias de divulgação, como: especificar seus objetivos e funções na sociedade para atrair inovações; b) os editais de convocação de empresas, sendo desejável que apresente os seguintes tópicos: 1. Objetivo e condições do Programa de Incubação; 2. Número máximo de vagas; 3. Critérios e candidatos elegíveis; 4. Lista de Documentos exigidos; 5. Compromisso dos participantes; 6. Processo de Seleção; 7. Taxas de inscrição; 8. Datas de divulgação dos resultados e condições gerais; c) as regras de admissão de novas empresas, tais como: os critérios que são de acordo com a vocação da incubadora (as tecnológicas, as tradicionais e as mistas); fixação de área de atuação; estabelecimento de participação de indústrias e/ou empresas de serviços; situação das empresas elegíveis.

Finalmente, tem-se a análise do Plano de Negócios de cada candidato. Os principais tópicos que deverão ser analisados, tendo em vista a admissão são: 1. Projeto técnica e comercialmente viável; 2. Qualificação técnica e gerencial do proponente; 3. Impacto do produto, processo ou serviço na sociedade; 4. Conteúdo tecnológico do produto ou serviço; 5. Previsão da autonomia futura da empresa; 6. Demonstração da adequação da empresa aos objetivos da incubadora; d) as regras de saída das empresas, tais como: estipulação de período de 2 a 3 anos, depois do qual a empresa incubada deverá graduar-se; flexibilização das regras sobre esse período; gerenciar a saída da empresa; auxiliar na busca de instalações e dar continuidade aos serviços de consultoria. (MCT, 2000)

Dhalla e Yuspeh (1976), garantem que o processo de acompanhamento formal em empresas que saem da incubadora é essencial, tendo em vista que é nessa fase que se inicia o desenvolvimento e crescimento das organizações. Algumas empresas não têm o devido acompanhamento após esse período devido ao alto custo da inserção de novos produtos no mercado, deixando de ter o incentivo e suporte necessário ao ambiente de inovação.

É válido acrescentar que o fortalecimento do ecossistema de inovação é possível através de programas de pós-incubação essenciais que garantem a manutenção do vínculo de empresas graduadas e incubadas. Na prática, as incubadoras facilitam e desmistificam a vida do empreendedor, o preparam, e após três a cinco anos abrem as portas para que a empresa possa alcançar seus ideais sozinhos (PAVANI, 2003).

Criar um plano de negócios, cumprir metas e gerenciar uma equipe pode ser um trabalho difícil para quem não tem experiência, tendo em vista que uma empresa que está começando no mercado enfrenta muitos desafios. Mas as chances do negócio alavancar podem aumentar muito diante da ajuda de uma incubadora. Os centros empresariais que ficam em grande maioria nas universidades, ajudam as novas empresas a darem os primeiros passos (MARTINS, 2014 b).

Com o suporte das incubadoras, as empresas incubadas podem ser complementadas no que tange à suas limitações, deficiências e necessidades de modo operante, podendo aperfeiçoar sua busca por modelo de negócio coerente ao produto e para encarar o mercado com modelo de negócio viável (PAVANI, 2003).

Um exemplo de incubadora que atribui todo esse suporte a empresas incubadas é o PADETEC (Parque de Desenvolvimento Tecnológico), Instituição criada por alguns professores da Universidade Federal do Ceará, desde 1990, e é a incubadora mais velha do Ceará, onde se desenvolve pesquisa voltada para o aproveitamento Industrial que antes eram pesquisas desenvolvidas e armazenadas em prateleiras, que hoje, grande parte beneficia a população (PADETEC, 2017).

Dessa forma, a empresa incubada recebe a estrutura necessária pela incubadora na área de ciência e tecnologia recebendo apoio nas primeiras etapas de sua vida até terem capacidades de enfrentar o mercado sozinha. As empresas incubadas recebem por tempo limitado estrutura física e logística para que possam desenvolver-se de forma saudável, tendo em vista um ambiente propício a evolução e além do lugar, as empresas incubadas recebem serviços administrativos, financeiros, jurídicos, marketing, apoio na gestão e linhas de financiamentos estatais, entre outros. (GUERRA, PEREIRA, 2010).

Segundo a ANPROTEC, uma empresa graduada é a empresa que já participou de todas as etapas da incubadora, e está pronta para enfrentar a realidade de mercado contando com seus próprios recursos para a instalação física da mesma.

A capacidade de sobrevivência das empresas graduadas é dada mediante total suporte dado pelas incubadoras, através de gestão e assistência, fortalecimento da relação entre as empresas e aproximação delas após período de graduação, tendo sua instalação e desenvolvimento de suas atividades. (ENGELMAN, FRACASSO, 2013).

2.4 Estudos bibliométricos anteriores

O papel de incubadoras para o processo de inovação para empresas é considerado muito importante na área econômica, sendo objeto de estudo para os pesquisadores da área de inovação de produtos e serviços.

No quadro 1 se apresenta um estudo bibliométrico sobre inovação e empresas incubadas, para isso foi feito um levantamento do período de 2006 a 2016 de artigos sobre esse tema, tomando-se como palavras chave: inovação, empresas incubadas, pequenas. A base de dados pesquisados foi o *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL), foram encontrados 27 artigos com esse foco de abordagem.

Quadro 1: Estudos bibliométricos sobre inovação e empresas incubadas

AUTOR	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	RESULTADOS
Silva, G. A. B.; Linhares, I. M. P.; Passador, J. L. (2016).	Orientação para mercado em ambientes usuais de empreendimento o versus ambientes de inovação por incubadoras	Comparar a orientação para o mercado entre um grupo de empresas incubadas e empresas comuns.	Método estatístico Wilcoxon Mann-Whitney.	Como resultado, há diferença significativa indicando maior geração de inteligência e capacidade de resposta das empresas incubadas, mas não há diferença estatística na disseminação de inteligência.
Silva, S. A.; Baeta, A. M. C.; Oliveira, J. L. (2016).	Por que analisar a gestão das Incubadoras de empresas de base tecnológica sob a ótica da Resource-Based View?	Compreender a organização interna das IEBTs.	Revisão bibliográfica; Estudo bibliométrico; Tipologia: Quantitativa e exploratória com coleta de dados.	Incubadoras são um conjunto de recursos importantes para que gestores identifiquem, organizem, combinem e explorem recursos específicos que claramente geram vantagens competitivas.
Fernandes, C. C et al (2016).	Práticas e indicadores de sustentabilidade em incubadoras de empresa: Um estudo no estado de São Paulo	Analisar como a sustentabilidade tem sido considerada nas decisões gerenciais e ações cotidianas das incubadoras.	Pesquisa qualitativa e quantitativa, Questionário, Entrevistas, Caráter descritivo.	Os resultados mostram que, apesar de saberem da importância da adoção de práticas e indicadores de sustentabilidade, as incubadoras ainda estão muito aquém do que deveriam estar fazendo.
Barcellos, E. E. I.; Botura Jr, G.; Ramirez, C. M. S. (2016).	A economia criativa no ambiente dos parques e incubadoras	identificar a economia e a indústria criativa modificando resultados econômicos e o perfil do empreendedorismo nacional e global.	Revisão bibliográfica, Quantitativa, Pesquisa descritiva.	Demonstrou segmento que envolveu cerca de US \$ 624 bilhões em 2011, mantendo uma trajetória de crescimento, com 2% de atividades de destaque dos Parques voltadas ao seu desenvolvimento e fomento.
Souza, L. A; et al (2015).	Modelo de gestão em incubadoras e mapas de desempenho	Discutir a proposta de um modelo de gestão aplicável às incubadoras.	Abordagem qualitativa, Estudo de caso.	Proposta inicial de mapa e painel de desempenho contemplando às quatro perspectivas propostas pelo BSC.
Lobosco, A et al (2015).	Aplicabilidade de modelo de negócios em incubadoras de empresas de base tecnológica para sua auto sustentabilidade : Estudo em incubadoras portuguesas	Propor um modelo de negócios para IEBT's que contribua para sua auto sustentabilidade : base em experiências de incubadoras portuguesas.	Qualitativa, Estudos de casos múltiplos.	Principais conclusões: sugere-se que uma IEBT, ao criar e estruturar seu modelo de negócios, analise o perfil empreendedor da região para alinhar suas atividades ao seu público; possua uma equipe de gestão profissionalizada e menos paternalista.

Fonseca, S. A (2015).	Incubadoras como vetores de promoção de tecnologias limpas em empreendimentos de pequeno porte: Possibilidades e limites	Refletir sobre oportunidades e desafios, possibilidades e limites, para a inserção de empreendimentos de pequeno porte.	Qualitativa, Exploratória.	Revelou um grande distanciamento entre as realidades dos dois países, seja nos números de incubadoras inseridas no campo das tecnologias limpas, seja na mobilização de atores institucionais que atuam no apoio a essas incubadoras.
Sarquis, A. B et al (2015).	Fatores de influência no processo de inovação em empresas de base tecnológica	Analisar os fatores de influência no processo de inovação nas empresas de base tecnológica do Polo Tecnológico de Florianópolis/SC	A coleta de dados primários com pesquisa quantitativa, descritiva não conclusiva, levantamento de campo.	Disponibilidade de recursos financeiros/tecnológicos externos; apoio do governo; agências de fomento e associações empresariais.
Martins, C et al (2014 a)	Empreendedores inovadores gerados pelas incubadoras de base tecnológica: mapeamento da produção científica até 2013	Investigar a produção científica sobre o empreendedorismo inovador gerado pelas incubadoras de base tecnológica até o exercício de 2013.	Estudo bibliométrico, de natureza descritiva, com abordagem quantitativa a partir de uma pesquisa bibliográfica.	O número máximo de publicações por autor, sobre o tema empreendedorismo inovador, foi de cinco artigos; o número máximo de dissertações e teses orientadas foi (4) orientador; as maiores facilidades de acesso a informação estão para indivíduos que realizam conexões entre diferentes redes.
Martins, C et al (2014 b)	Redes de interação a partir de incubadoras de base tecnológica: a colaboração gerando inovação	Analisar as principais redes de interação no processo de desenvolvimento de inovação a partir de incubadoras de base tecnológica.	Caráter exploratório, Descritivo, Estudo multicase.	Nas interações pesquisadas, os resultados apontaram o SEBRAE como principal parceiro; atividades intensivas em P&D, fomento e capacitação; a formação de duas importantes redes a partir das incubadoras deste estudo: ANPROTEC e RECEPET.
Pereira, J. A. et al (2014).	A incubadora como intermediária de relacionamentos na percepção dos empreendedores: um estudo multicase em incubadoras	Analisar de que maneira a incubadora atua como intermediária das empresas incubadas no acesso à informação para o	Estudo multicase, Qualitativo.	Constata-se que existem benefícios indiretos, como a contribuição para o reconhecimento de mercado e o apoio para intermediar relacionamentos benéficos à incubada, como o acesso a editais.

	paranaenses	desenvolvimento de inovação.		
Garrido, P. O.; Justen, C. E (2014).	Incubadoras de gestão social e gestão universitária: possibilidades e contribuições a partir de análise comparativa	Demonstrar as contribuições da ITGS para a gestão universitária e para a coletividade.	Estudo qualitativo, Pesquisa bibliográfica e documental.	Incubação potencialmente capaz de integrar os fundamentos do Paradigma do Novo Serviço Público, da Gestão Social e da Teoria de Sistemas Sociais e promoção de sinergia entre ensino, pesquisa e extensão universitária e a religação entre os saberes do mundo real e acadêmico.
Almeida, C.; Barche, C. K.; Segatto, A. P (2014).	Análise da implantação da metodologia a cerne: Estudo de caso em duas incubadoras nucleadoras do Paraná	Analisar a implantação Da Metodologia Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos (CERNE).	Estudo bibliográfico, Qualitativo e descritivo, Coleta de dados: Entrevista.	As incubadoras identificam como vantagens, na implantação da metodologia CERNE, a visibilidade no mercado, melhoria na qualidade dos processos e padronização das atividades.
Engelman, R.; Fracasso, E. M (2013).	Contribuição das incubadoras tecnológicas na internacionalização das empresas incubadas	Verificar como incubadoras brasileiras contribuem na internacionalização das empresas incubadas.	Pesquisa exploratória, Pesquisa bibliográfica, Caráter descritivo, Análise qualitativa.	Os resultados apontaram uma relação positiva entre incubação e internacionalização, fornecendo indicações de ações e serviços que são efetivos na internacionalização das empresas.
Fiala, N.; Andreassi, T (2013).	As incubadoras como ambientes de aprendizagem do empreendedorismo	Analisar contribuições de incubadoras de negócios como estimuladores da aprendizagem do empreendedorismo.	Estudo qualitativo, exploratório, Entrevistas.	Observou-se que o aprendizado prático do empreendedorismo adquirido no dia-a-dia da incubadora é bastante valorizado pelos estudantes.
Storopoli, J. E.; Binder, M. P.; Maccari, E. A (2013).	Incubadoras de empresas e o desenvolvimento de capacidades em pequenas incubadas	Analisar a contribuição desse processo para o desenvolvimento das empresas nos diferentes estágios de incubação.	Estudo de casos múltiplos em quatro empresas em estágios distintos de incubação. A análise dos dados seguiu as técnicas de agrupamento e de cluster.	Constata-se que as capacidades têm raízes profissionais ou acadêmicas, o papel da incubadora é passivo, a capacitação para o plano de negócios é fator positivo, o networking é fundamental e a infraestrutura é importante para os estágios iniciais de incubação.

Abib, G et al (2012).	Papel construtivo das incubadoras no alinhamento estratégico e mercadológico das empresas incubadas e graduadas	Analisar e descrever relações estratégicas de produção e mercado de empresas que ainda estão em processo de incubação e as já graduadas, bem como a adequação das incubadoras como instrumento de alavancagem de desenvolvimento do empresarial.	Revisão bibliográfica; Estudo de caso, Qualitativa, Exploratória, Descritiva, Coleta de dados com 36 empresas, Aplicação de questionário.	As incubadoras identificam como vantagens, na implantação da metodologia CERNE, a visibilidade no mercado, melhoria na qualidade dos processos e padronização das atividades. Os resultados mostraram como as experiências do vir a ser empreendedor tensionam as formas prevalentes de descrever a competência e os modelos de formação de empreendedores em ambientes pré-incubação de negócios.
Ortigara, A. A et al (2011).	Análise por agrupamento de fatores de desempenho das incubadoras de empresas	Apresentar resultados sobre desenvolvimento de uma estrutura de identificação de medidas de fortalecimento das incubadoras e suas empresas incubadas.	Descritiva, Abordagem quantitativa.	Observou-se que o segundo grupo reúne as incubadoras com maiores dificuldades de manutenção, e no outro encontram-se aquelas em melhores condições de atingir a sustentabilidade, em que o grau de maturidade e a taxa de sucesso apontaram para as experiências bem-sucedidas.
Moretto Neto, L.; Garrido, P. O.; Justen, C. E (2011).	Desenvolvendo o aprendizado em gestão social: proposta pedagógica de fomento às incubadoras sociais	Apresentar abordagem da dimensão propositiva de fomento às incubadoras de projetos sociais, diante de proposta pedagógica à luz da gestão social.	Caráter exploratório, Descritivo, Pesquisa bibliográfica.	Apresentou-se agenda de pesquisa em torno da contribuição da gestão social para o desenvolvimento local, a autonomia humana e a formação de gestores mais comprometidos com problemas e interesses da coletividade.
Nascimento, M. R do et al (2011).	Redes estratégicas para a inovação: um estudo multicase de incubadoras paranaenses	Analisar se a incubadora, a partir dos seus gestores, atua como intermediária das empresas incubadas no acesso a informação para o desenvolvimento de inovação.	Estudo multicase, Descritivo, Qualitativo.	Incubadoras sabem da sua importância como mediadores e atuam como incentivadores informais na formação de relacionamentos.

Gallon, A. V.; Ensslin, S. R.; Enssin, L (2011).	Avaliação de desempenho organizacional em incubadoras de empresas	Construir um modelo multicritério de avaliação do desempenho do MIDI Tecnológico.	Metodologia Multicritério, Pesquisa qualitativa, Exploratória.	A metodologia Multicritério propiciou conhecimento aos modelos de avaliação incubadora-incubada ao oferecer um instrumento para gerenciar os investimentos do MIDI.
Raupp, F. M.; Beuren, I. M (2010).	Gestão do conhecimento em incubadoras brasileiras	Analisar a gestão do conhecimento em incubadoras brasileiras associadas (ANPROTEC).	Pesquisa descritiva, Quantitativa. Questionário com perguntas fechadas.	Há uma preocupação em gerar, difundir e, sobretudo, compartilhar conhecimentos nas incubadoras estudadas.
Fonseca, S. A; Souza, S. B; Jabbour, C. J. C (2010).	Desafios e oportunidades das incubadoras de empresas para a incorporação de estratégias ambientais.	Relatar resultados sobre os potenciais e possibilidades das incubadoras de empresas tratadas como instrumentos de políticas públicas.	Pesquisa qualitativa, Exploratória, Estudo de casos múltiplos.	Grande distanciamento das incubadoras brasileiras em relação ao papel que deveriam cumprir como agentes de políticas públicas de promoção do desenvolvimento local sustentável.
Guerra, A. C.; Pereira, J. R (2010).	Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: Possibilidades de gestão	Analisar as possibilidades de gestão das incubadoras estudadas.	Estudo qualitativo, Pesquisa bibliográfica.	A INTECOOP/UFJF e a ITCP/UFSJ, possuem modelo de gestão híbrido, com características de três modelos estudados.
Fedrizzi, L. B. et al (2008).	Redes horizontais de cooperação contribuindo para o processo de inovação em micro e pequenas empresas brasileiras	Tratar o tema da inovação em redes interorganizacionais horizontais.	Revisão bibliográfica conceitual, em forma de pesquisa exploratória. Pesquisa qualitativa em estudo de caso múltiplo.	Indicam que a principal forma de inovação ocorre através da troca de informações entre os agentes, onde surgem ideias e se verificam trocas de experiências.
Santos, G. D et al (2008).	Um estudo sobre indicadores de avaliação de incubadoras de base tecnológica no Brasil	Investigar indicadores de oito IEBT's, organizações de apoio e fomento e diretrizes do Programa Nacional de Incubação.	Bibliográfica, Caráter qualitativo.	Como principal contribuição, este estudo propõe maior ênfase na sistematização dos processos de avaliação.
Mantovani, D. M. N et al (2006).	O papel das incubadoras de empresas no desenvolvimento local: um estudo de caso	Estudar atividades desenvolvidas por incubadora de empresas; avaliar efeitos sobre o desenvolvimento local.	Caráter qualitativo, Descritivo, Entrevistas para coletas de dados.	A incubadora tem sido bem sucedida e gerou desenvolvimento econômico e social para a região.

Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipologia

A pesquisa científica em questão é de natureza descritiva, na qual seu objetivo é descrever as características de uma população ou experiência para o estudo realizado.

A natureza descritiva leva em conta os aspectos da formulação das perguntas que norteiam a pesquisa, além do objeto de estudo em análise. Na pesquisa descritiva, cabe ao pesquisador fazer o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos, sem a manipulação ou interferência dele. Ele apenas deve descobrir a estrutura dentro de um determinado sistema, método, processo ou realidade operacional. “Esses métodos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos, para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais” (GIL, 2008, p. 15).

3.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada com base em dados secundários oriundos de fontes bibliográficas e dados primários coletados através de uma pesquisa de campo.

Participaram da pesquisa empresas incubadas que são assistidas pelo PADETEC. Esse parque tecnológico foi criado pela Universidade Federal do Ceará (UFC, 1990) e tem como objetivo estimular a criação de empresas de base tecnológica. A coleta de dados foi realizada em 2017. A amostra é composta por nove empresas assistidas e a própria incubadora, esse número de empresas reduzido deve-se a não participação de muitas dessas empresas, pois apesar de inúmeras tentativas, não se dispuseram a colaborar com o trabalho e outras não se encontravam mais na ativa.

Quadro 2: Empresas assistidas pela incubadora

Natureza da empresa	População Nº	Amostra Nº
Incubadas	15	7
Graduadas	44	2

Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

Os sujeitos da pesquisa foram os empresários das empresas assistidas pelo PADETEC, conforme anexos A (Empresas graduadas pelo PADETEC) e B (Empresas incubadas pelo PADETEC).

Optou-se pela pesquisa de campo através da aplicação de questionários um para as empresas apêndice B e outro para a incubadora apêndice A contendo perguntas abertas e fechadas, por ser uma técnica de coleta de dados que possui a vantagem de ser direcionada ao tópico estudado, possibilitando o fornecimento de informações das empresas graduadas e empresas incubadas que recebem apoio do PADETEC e que as apoiam. Participaram da pesquisa nove empresas.

As análises de dados foram realizadas mediante a análise, o registro e a interpretação dos dados, sem interferência neles. Os questionários previamente aplicados, foram tabulados em programa Excel (Windows) gerando gráficos e tabelas com os seguintes dados: perfil da empresa; suporte dado pela incubadora; apreciação da relação com a incubadora; informações adicionais sobre o entrevistado da pesquisa; características das empresas incubadoras e incubadas pelo PADETEC e sobre o investimento em capital de risco.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Caracterização das empresas pesquisadas

As empresas pesquisadas caracterizam-se por serem inovadoras, conhecem o seu produto ou serviço, mas desconhecem a melhor maneira de comercializá-lo. Na pesquisa participaram empresas assistidas pelo PADETEC.

No quadro 3 tem-se a relação das empresas assistidas pelo PADETEC, que participaram da pesquisa. Pode se constatar entre elas inovações de produto e processo. Destacando-se em formas de inovação de produto as empresas D, E, G e I, e no caso de inovação de processos as empresas A, B, C, F e H. Nesse contexto o PADETEC dar o apoio para o desenvolvimento de inovação.

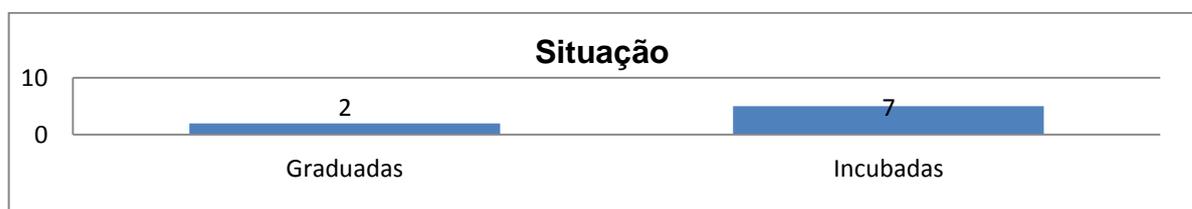
Quadro 3: Empresas participantes da pesquisa

EMPRESA	INOVAÇÃO
A	Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências físicas e naturais.
B	Venda de pacotes turísticos por plataforma digital.
C	Desenvolvimento de soluções digitais para o gerenciamento de leitos hospitalares.
D	Produção de tônicos capilares unissex para prevenir queda de cabelo.
E	Fabricação de sorvetes utilizando derivados da proteína do leite.
F	Cultivo de peixes marinhos.
G	Controle de pragas por meio de produção de insetos geneticamente modificados.
H	Tecnologia da inovação em geomarketing.
I	Produção de aero geradores nacionais.

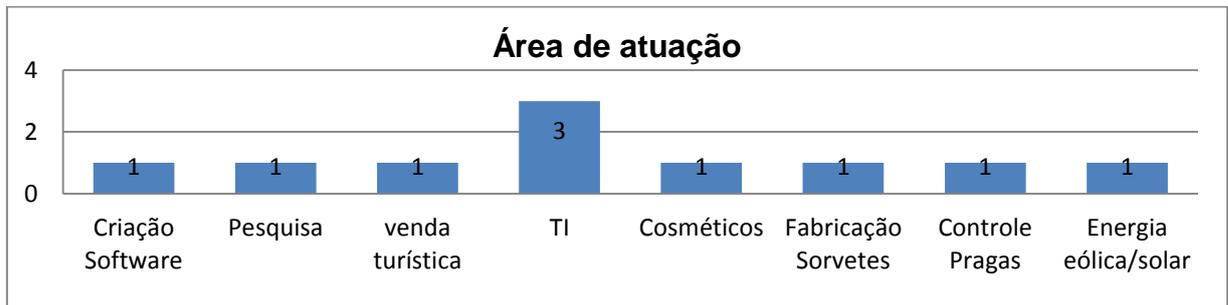
Fonte: Pesquisa de campo realizada em (2017).

O gráfico 1 apresenta a situação das empresas, quanto a situação incubada ou graduada. Participaram da pesquisa duas empresas graduadas e sete empresas incubadas.

Gráfico 1: Situação das empresas assistidas



Fonte: Pesquisa de campo realizada em (2017).

Gráfico 2: Área de atuação das empresas

Fonte: Pesquisa de campo realizada em (2017).

O gráfico 2 apresenta a área de atuação de cada empresa entrevistada. Sendo possível identificar como mais comum a tecnologia da informação inserida nesse processo. É válido ressaltar a importância das incubadoras para as empresas, tendo em vista que é o local de nascimento e desenvolvimento dos pequenos negócios e serve como base tecnológica, assistindo e transformando produtos e serviços e auxiliando os processos (WOLFFENBÜTTEL, 2001).

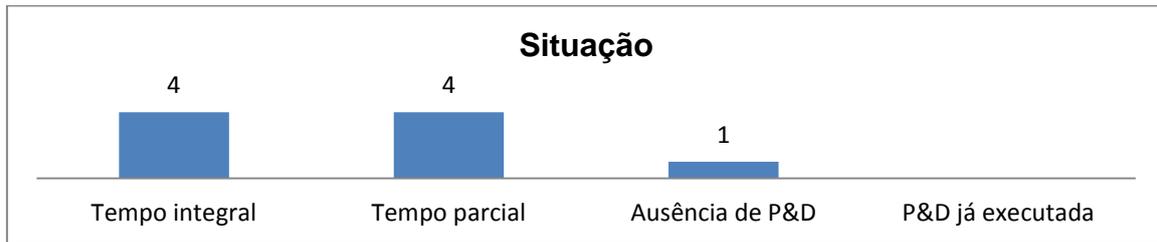
Nesse gráfico algumas empresas tem mais de uma área de atuação. No caso, tecnologia da informação e energia eólica.

O quadro 4 apresenta um demonstrativo do tempo de atuação de cada empresa estudada. A empresa H e a empresa I se destacam com quatro anos de atuação sendo o maior tempo de incubadora, e já se encontram na categoria de graduada.

Quadro 4: Tempo de participação das empresas assistidas pela incubadora

Empresas	Tempo da empresa na incubadora
Incubadas	
A	2 anos
B	01 mês
C	08 meses
D	1 ano
E	18 meses
F	2 meses
G	4 meses
Graduadas	
H	4 anos
I	4 anos

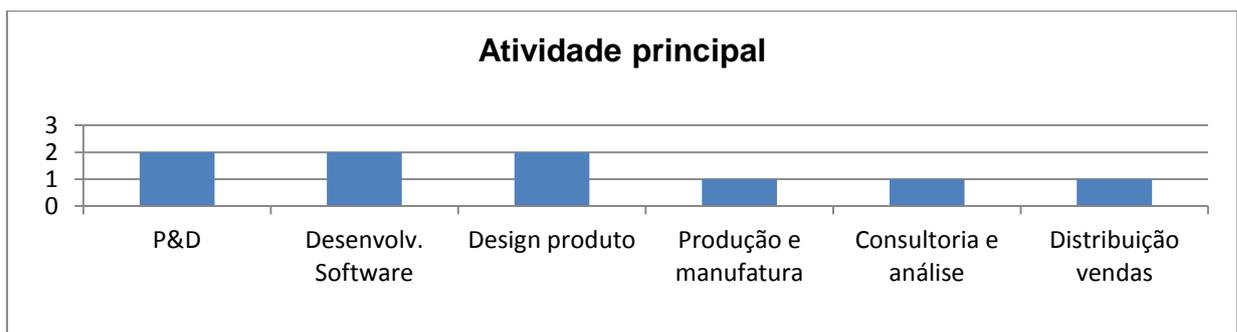
Fonte: Pesquisa de campo realizada em (2017).

Gráfico 3: Situação das empresas assistidas em relação ao tempo de P&D

Fonte: Pesquisa de campo realizada em (2017).

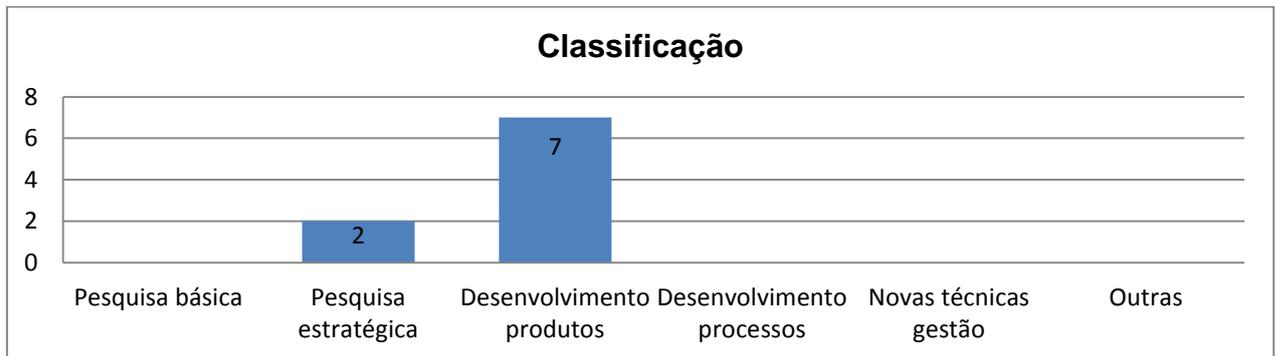
No gráfico 3, se verificou o tempo da atividade das empresas em relação à P&D, tendo o tempo integral e parcial como mais incidente. O que corrobora com a colocação de Dornelas (2002), enfatizando a importância da atividade de P&D.

As incubadoras são empresas que utilizam mecanismos que aceleram o desenvolvimento dos empreendimentos diante de um regime de negócios e serviços que tem como principal objetivo a produção do sucesso das organizações que estão em constante desenvolvimento. Para isso, é importante definir sua situação em relação à P&D. (DORNELAS, 2002).

Gráfico 4: Atividade principal das empresas de P&D

Fonte: Pesquisa de campo realizada em (2017).

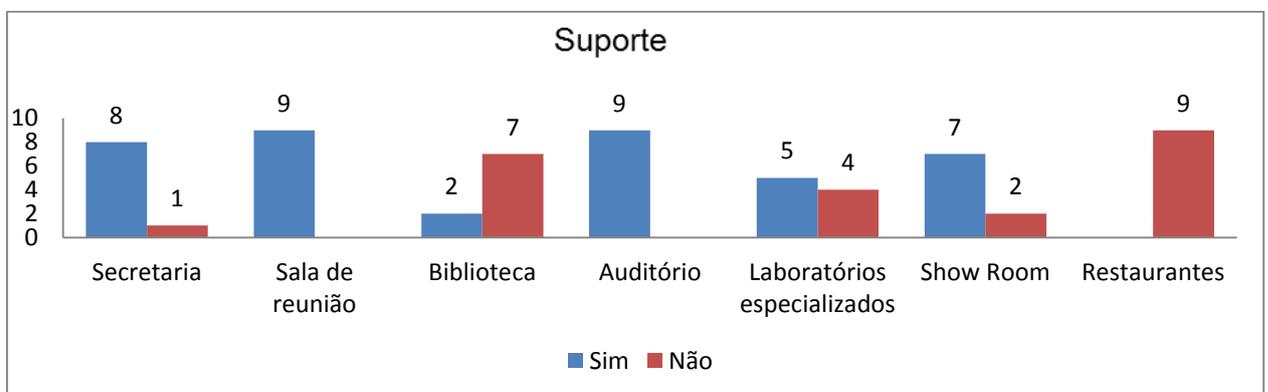
No gráfico 4, tem-se as atividades executadas pelas empresas, sendo possível destacar a P&D, o desenvolvimento de software e o design e engenharia de produtos como maior incidência de atividade principal dessas empresas.

Gráfico 5: Classificação das atividades assistidas de P&D

Fonte: Pesquisa de campo realizada em (2017).

No gráfico 5, quanto à classificação de atividades executadas, tem-se o desenvolvimento de produtos como o principal na classificação de atividades, com sete empresas.

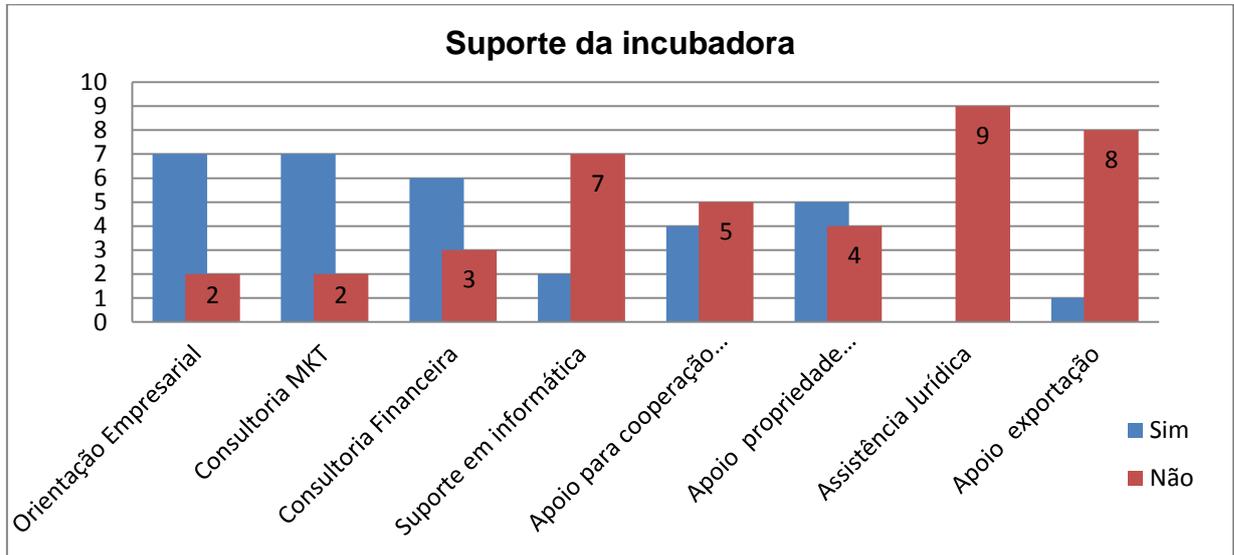
4.2 Suporte recebido das empresas pela incubadora

Gráfico 6: Suporte dado pela incubadora

Fonte: Pesquisa de campo realizada em (2017).

Já o gráfico 6, no que se refere ao suporte em infraestrutura recebido pelas incubadoras, tendo como destaque citados pelos participantes de área em comum, a sala de reunião e o auditório. O restaurante se destaca como área em comum.

Gráfico 7: Suporte dado pela incubadora quanto aos serviços oferecidos às empresas assistidas

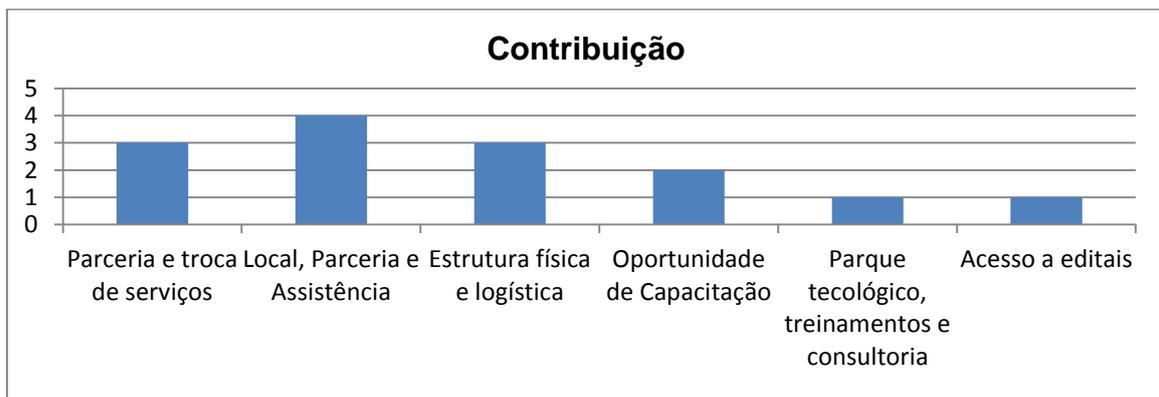


Fonte: Pesquisa de campo realizada em (2017).

O gráfico 7 trata dos serviços ofertados pelas incubadoras, tendo como destaque a orientação empresarial e a consultoria financeira. Outros pontos apresentados pelos entrevistados foram consultorias, a assistência jurídica e o apoio à exportação como pontos não agregados pela incubadora aos serviços ofertados.

Destaca a presença de dificuldades e limitações no relacionamento com a Incubadora e Universidade, onde apenas uma empresa destacou dificuldades com a Universidade. Nenhuma empresa apresentou limitações ou dificuldades com as incubadoras.

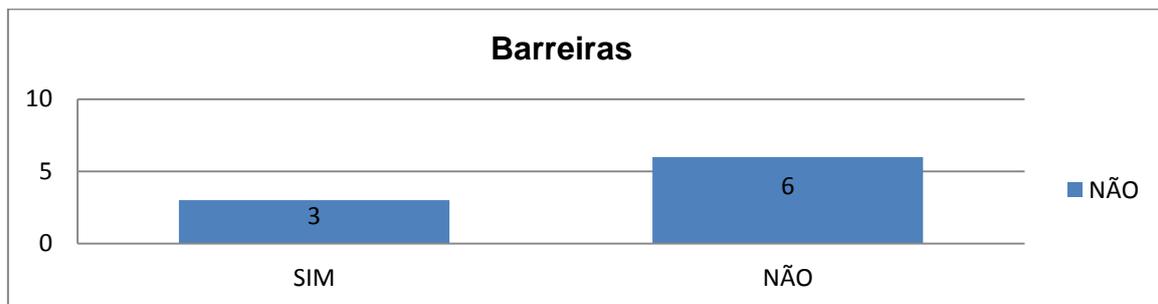
Gráfico 8: Contribuições destacadas pelas empresas assistidas em relação a parceria com a incubadora



Fonte: Pesquisa de campo realizada em (2017).

Já o gráfico 8, fala da contribuição significativa oferecida pela parceria com as empresas. Tendo a assistência, parceria e o local físico como pontos mais destacados pelos entrevistados.

Gráfico 9: Barreiras e dificuldades no processo de interação entre empresas e incubadora



Fonte: Pesquisa de campo realizada em (2017).

O gráfico 9 apresenta as barreiras e as dificuldade no relacionamento com a Incubadora e Universidade, tais como comunicação e apoio contábil encontrados na interação entre incubadoras e empresa. Tendo como destaque a presença de barreiras apenas por duas empresas, onde seis não apresentaram dificuldades no processo de interação.

As empresas incubadas foram questionadas se suas empresas estariam dentro do mesmo estágio de desenvolvimento que possuem hoje, caso não estivessem dentro desse programa. Por unanimidade, todas as empresas reconheceram que no processo de desenvolvimento, a incubadora é essencial.

4.3 Apreciação da relação incubadora e empresas assistidas

Quando questionados sobre a existência de dificuldades e limitações no relacionamento, responderam que não existem limitações, mas existe o distanciamento com a Universidade.

Na visão do responsável pelas informações da incubadora, o entrevistado ressaltou que as incubadoras apresentaram oportunidades e capacitação para as empresas, onde a troca de experiência nos mais diferentes aspectos tendo sido essencial e que os serviços e suporte oferecidos pelas incubadoras abrangem a

orientação empresarial, consultoria em MTK e financeira, suporte em informática e apoio em propriedade intelectual.

Para esse entrevistado, a experiência entre a incubadora e as empresas tem sido bem sucedida, acredite que não se encontrou barreiras e que tem sido possível realizar um bom trabalho. A maior dificuldade para empresas na sua visão é a falta de conhecimento técnico, mas com a ajuda da incubadora é possível promover as empresas incubadas.

5 CONCLUSÃO

A importância da inovação, de uma maneira geral, é percebida como essencial para a sobrevivência em um cenário cada vez mais competitivo e globalizado. A inovação como estratégia central da empresa orienta investimentos, define o foco de pesquisas e de novos desenvolvimentos a partir do ponto de vista do mercado.

Nesse contexto, as incubadoras têm o perfil inovador apoiando, demonstrando a capacidade de pesquisa e contribuindo para o desenvolvimento de pequenas empresas incubadas diante da captação e aplicação dos recursos precursores.

Durante o período em que empresas estão sendo assistidas por uma incubadora recebem estímulo de empreendedores buscando aprender novas oportunidades de negócios. Para isso, nas últimas décadas, viu-se um maior relacionamento entre empresas e universidades, diante da necessidade das empresas obterem inovação e crescimento e pela necessidade da demanda do mercado.

O trabalho teve como objetivo geral investigar a contribuição de incubadoras para o desenvolvimento das empresas assistidas. Nesse contexto o trabalho atingiu seu objetivo. Verificou-se que a incubadora em relação às empresas assistidas oferece diversos serviços, fornecem suporte de infraestrutura e também se identificou as dificuldades e limitações da relação entre incubadora e empresa assistida.

Identificou-se que a inovação é primordial para as empresas no mercado, e a incubação as auxilia, tornando-se um mecanismo de interação com as universidades e incubadoras, no processo inovação de produtos e serviços mesmo após período pós-incubadora.

Portanto, conclui-se com o estudo que as incubadoras estimulam o desenvolvimento de empresas através da formação complementar desses empreendedores de forma gerencial e técnica, e com o suporte das incubadoras foi possível que as empresas incubadas complementassem suas limitações e

deficiências, aperfeiçoando a melhor forma de negócio e de forma coerente a um modelo de mercado viável.

Seria relevante, retomar essa discussão ampliando o número de empresas participantes. Comparar a atuação de outras incubadoras do Ceará.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Márcio M.; CALVOSA, Marcello V. D.; BATISTA, Luciene G. Hélice Tríplice no Brasil: Um ensaio teórico acerca dos benefícios da entrada da universidade nas parcerias estatais. **Revista Cadernos da Administração da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora**, v.1, p. 34-52, 2009.

ABIB, Gustavo et al. O papel construtivo das incubadoras no alinhamento estratégico e mercadológico das empresas incubadas e graduadas. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 1, n. 2, p. 33-59, 2012.

ABREU, Flávio C.; SOUZA, Yeda S.; GONÇALO, Cláudio R. Aprendizagem e criação do conhecimento em incubadoras. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO — ENANPAD, 30, 2006, Salvador. **Anais...Salvador: 2006.**

ALDRICH, Howard. **Organizations evolving**. London: Sage Publications. 1999.

ANDINO, Byron F. A. Impacto de incubação de empresas: capacidades de empresas pós-incubadas e empresas não-incubadas. SEMINÁRIO LATINO-IBEROAMERICANO DE GESTIÓN TECNOLÓGICA – ALTEC, 11, 2005, Salvador. **Anais...Salvador:2005.**

ALMEIDA, Cristiane; BARCHE, Carmem K.; SEGATTO, Andréa P. Análise da implantação da Metodologia Cerne: estudo de caso em duas incubadoras nucleadoras do Paraná. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 3, p. 194-210, 2014.

AMARO, Rubens A.; BRUNSTEIN, Janette. O ensino em incubadoras universitárias: a competência empreendedora como um vir a ser. **RACE: Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, v. 12, n. 3, p. 155-190, 2013.

ANPROTEC, ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMENTOS DE TECNOLOGIA AVANÇADA. **Glossário dinâmico de temas na área de Tecnópolis, Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas**. Brasília: ANPROTEC, 2002.

ANPROTEC, ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMENTOS DE TECNOLOGIA AVANÇADA. **Panorama das incubadoras de empresas no Brasil**. Brasília: ANPROTEC, 2005.

BARBOSA, Loyce G. F.; HOFFMAN, Valmir E. Incubadora de empresas de base tecnológica: preparação dos empresários quanto aos apoios recebidos. **RAI – Revista de Inovação e Administração**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 208-209, jul./set. 2013.

BARBOZA, Ricardo A. B.; FONSECA, Sérgio A.; RAMALHEIRO, Geralda C. F. Inovação em micro e pequenas empresas por meio de serviço brasileiro de respostas técnicas. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 330-349, jul./set. 2015.

BARBOZA, Ricardo A. b.; FONSECA, Sérgio A.; RAMALHEIRO, Geralda C. F. **Planejamento e implantação de incubadoras de empresas**. Brasília: ANPROTEC, 2002.

BARCELLOS, Ekaterina E. I.; BOTURA JUNIOR, Galdenoro; RAMIREZ, Cláudia M. S. A Economia Criativa no Ambiente dos Parques e Incubadoras. **International Journal of Innovation**, v. 4, n. 2, p. 140-154, 2016.

BEZERRA, Cícero A.; QUANDT, Carlos O. Relações entre gestão do conhecimento, faturamento e número de funcionários em empresas graduadas por incubadoras. **Revista de Gestão**, v. 20, n. 4, p. 537-556, 2013.

BOZEMAN, Barry; LINK, Albert N. Tax Incentives for R&D: a critical evaluation. **EconoPapers Research Policy**, v. 13, p. 21–31, 1984.

BUGANZA, Tommaso; VERGANTI, Roberto. Open innovation process to inbound knowledge. **European Journal of Innovation Management**. v. 12, n.3, p.206-325, 2009.

BULGACOV, Sérgio; BULGACOV, Yára L. M.; CANHADA, Diego I. D. Indicadores qualitativos de gestão para incubadoras e empresas empreendedoras incubadas: um estudo longitudinal. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 8, n. 2, art. 81, p. 55-74, 2009.

CARDOSO, André C. F et al. Incubadoras orientadas para o desenvolvimento sustentável: é possível? O caso do Centro de Incubação de Empresas de Tecnologia (CIETEC). **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 2, n. 2, p. 69-87, 2008.

CARVALHO, Antônio G.; RIBEIRO, Leonardo L.; FURTADO Cláudio V. Desmistificando o Capital de Risco. **Cartilha CRIATEC**, Rio de Janeiro: 2008. 19p. Disponível em: <www.fundocriatec.com.br/Recursos/Paginas/Arquivos/cartilhacriatec.pdf>. Acesso em: 02 out. 2017.

CHAN, Yuk-S. On the positive role of financial intermediation in allocation of venture capital in a market with imperfect information. **Journal Finance**, v. 38, n. 5, p. 1543–1568, 1983.

CORREIA, Ana M. M.; GOMES, Maria L. B. Habitat's de inovação na economia do conhecimento: identificando ações de sucesso. **RAI – Revista de Inovação e Administração**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 32-54, abr./jun. 2012.

DALFOVO, Michael S.; LANA, Rogério A.; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 2, n. 4, p.1-13, jul. 2008.

DERTOUZOS, Michael. Four pillars of innovation. **MIT's Magazine of Innovation Technology Review**, Cambridge, v. 101, n. 3, 1998.

DHALLA, Nariman K.; YUSPEH, Sonia. Forget the product life cycle concept. **Harvard Business Review**, v. 54, n. 1, p. 102-112, jan./fev. 1976.

DIEHL, Astor A.; TATIM, Deise C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Pratince Hall, 2004.

DORNELAS, José C. A. **Planejando Incubadoras de Empresas**. Rio de Janeiro: Campus Ltda, 2002.

DORNELAS, José C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 3 ed. Rio de Janeiro: Campus Ltda, 2008.

ENGELMAN, Raquel; FRACASSO, Edi M. Contribuição das incubadoras tecnológicas na internacionalização das empresas incubadas. **Revista de Administração**, v. 48, n. 1, p. 165-178, 2013.

FEDRIZZI, Lucas di Benedetto et al. Redes Horizontais de Cooperação contribuindo para o Processo de Inovação em Micro e Pequenas Empresas Brasileiras. **Revista de Administração da Unimep**, Piracicaba, v. 6, p.16-38, 2008.

FERNANDES, Carolina C et al. Práticas e indicadores de sustentabilidade em incubadoras de empresa: um estudo no estado de São Paulo. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, São Paulo, v. 7, p.34-54, 2016.

FERNANDES, Ana C et al. Caracterização das pequenas e médias empresas de base tecnológica em São Paulo: uma análise preliminar. **Revista Econômica e Sociedade**, Campinas, v. 13, n. 21, p. 151-173, jan./jun., 2004.

FIALA, Nathalia; ANDREASSI, Tales. As incubadoras como ambientes de aprendizagem do empreendedorismo. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 14, n. 4, p. 759-783, 2013.

FONSECA, Sérgio A.; SOUZA, Silvia B.; JABBOUR, Charbel J. C. Desafios e oportunidades das incubadoras de empresas para a incorporação de estratégias ambientais. **Revista O&S**, Salvador, v.17, n. 53, p. 331-344, abr./jun. 2010.

FONSECA, Sérgio A. Incubadoras como vetores para a promoção de tecnologias limpas em empreendimentos de pequeno porte: possibilidades e limites. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 188-212. jan./fev., 2015.

GAZZONI, Marina; OSCAR Naiana; FRAGA, Nayara. Brasil tem 5,3 mil investidores anjo. **Jornal O Estado de S. Paulo**, 22 julho 2012.

GALLON, Alessandra V.; ENSSLIN, Sandra R.; ENSSLIN, Leonardo. Avaliação de Desempenho Organizacional em Incubadoras de Empresas por Meio da Metodologia Multicritério de Apoio à Decisão Construtivista (Mcda-C): a Experiência do Midi Tecnológico. **Revista de Administração e Inovação**, v. 8, n. 1, art. 21, p. 37-63, 2011.

GARRIDO, Paulo O.; JUSTEN, Carlos E. Incubadoras de Gestão Social e Gestão Universitária: possibilidades e contribuições a partir de análise comparativa. **Amazônia, Organizações e Sustentabilidade**, Brazil, v. 3, n. 2, jul./dez., p. 133-151, 2014.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUERRA, Ana C.; PEREIRA, José R. Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: possibilidades de gestão. **Revista Administração Pública e Gestão Social**, v. 2, n. 1, p. 21-44, 2010.

GOMPRES, Paul; LERNER Josh. In the venture capital cycle. **Business & Economics**, United State: MIT Press, 2004. 569 p.

GOMPERS, Paul et al. Venture capital investment cycles: The impact of public markets. **Journal of Financial Economics**. Cambridge, v. 87, n.1, p. 1-23, jan. 2008.

IACONO, Antônio; ALMEIDA, Carlos A. S.; NAGANO Marcelo S. Interação e cooperação de empresas incubadas de base tecnológica: uma análise diante do novo paradigma de inovação. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 5, p. 1485-1516, set./out. 2011.

JENG, Leslie A.; WELLS, Philippe C. The determinants of venture capital funding: evidence across countries. **Journal of Corporate Finance**. Boston, p. 241-289, set. 2000.

KLINE, Stephen J.; ROSENBERG, Nathan. An overview of innovation. National Academy of Press. Washington, p. 275-305, 1986.

KORTUM, Samuel; LERNER, Josh. Assessing the Contribution of Venture Capital to Innovation. **The Rand Journal of Economics**. Santa Mônica, p. 674-692, fev. 2000.

LAHORGUE, Maria A et al. **Estudo, análise e proposições sobre as incubadoras de empresas no Brasil**. Brasília: Consenso Editora Gráfica, 2012.

LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José E. (Coord.). **Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos**. Rio de Janeiro: RedeSist. 2003.

LICHTENSTEIN, G. A.; LYONS, T. S. **Incubating New Enterprises: A Guide to Successful Practice**. Washington, DC: The Aspen Institute, 1996.

LOBOSCO, Antônio et al. Aplicabilidade de modelo de negócios em incubadoras de empresas de base tecnológica para sua auto sustentabilidade: Estudo em incubadoras portuguesas. **Revista Alcance – Eletrônica**, vol. 22, n. 4, 2015.

LOPES, Walter S.; SASSI, Renato J. A contribuição das incubadoras no desenvolvimento de empresas incubadas. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 14, 2010, São José dos Campos. **Anais...** São José dos Campos: 2010.

LU, Lucy. Creating knowledge-base innovation China. **Journal of Technology Management**, v. 3, p. 249- 263, 2008.

MANTOVANI, Daielly M. N et al. O papel das incubadoras de empresas no desenvolvimento local: um estudo de caso. **Revista de Administração e Inovação**, v. 3, n. 1, p. 90-101, 2006.

MARTES, Ana C. B. Weber e Schumpeter A ação econômica do empreendedor. **Revista de Economia e Política**, v. 30, n. 2, p. 254-270, abr./jun., 2010.

MARTINS, Cristina et al. Empreendedorismo inovador gerado pelas incubadoras de base tecnológica: mapeamento da produção científica até 2013. **Revista de Negócios**, v. 19, n. 2, p. 86-108, 2014 a.

MARTINS, Cristina et al. Redes de interação à partir de incubadoras de base tecnológica: a colaboração gerando inovação. **Revista Gestão & Tecnologia**, Pedro Leopoldo, v. 14, n. 2, p. 125-148, mai./ago. 2014 b.

MASON, Colin; STARK, Matthew. What do Investors Look for in a Business Plan?: A Comparison of the Investment Criteria of Bankers, Venture Capitalists and Business Angels. **International Small Business Journal**. Londres, v. 22, n. 3, p. 227-248. ago. 2010.

MCGUIRK, Helen; LENIHAN, Helena; HART, Mark. Measuring the impact of innovative human capital on small firms' propensity to innovate. **Research Policy**, v.44, n. 4, p. 965–976, 2015.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA – MCT. **Manual para implantação de incubadoras de empresas**, Brasil, nov. 2000. 32p. Disponível em:<www.mct.gov.br/setec/setec.htm>. Acesso em: 10 out. 2017.

MIZIARA, Guilherme N.; CARVALHO, Marly M. Fatores críticos de sucesso em incubadoras de empresas de software. **Revista Científica Eletrônica de Engenharia de Produção e Correlatas**, v. 8, n. 3, 2008.

MORETTO NETO, Luís; GARRIDO, Paulo O.; JUSTEN, Carlos E. Desenvolvendo o aprendizado em gestão social: proposta pedagógica de fomento às incubadoras sociais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 3, art. 7, p. 828-845, 2011.

MOREIRA, Daniela. Qual a diferença entre investidor anjo, seed e venture capital? **Revista Exame**, mar. 2011.

MORICOCCHI, Luiz; GONÇALVES, José S. Teoria do desenvolvimento econômico de Schumpeter: uma revisão crítica. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 24, n. 8, p. 27-35, ago. 1994.

NASCIMENTO, Maurício R *et al.* Redes estratégicas para a inovação: um estudo multicaso de incubadoras paranaenses. **Revista Brasileira de Estratégia**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 63-76, jan./abr. 2011.

NICOLSKY, Roberto. Os desafios para transformar conhecimento em valor econômico. **Revista ComCiência - Eletrônica**, p. 1-5, set. 2008.

Disponível em: www.comciencia.br/reportagens/cientec/cientec12.htm. Acesso em: 18 out. 2017.

OCDE, Organização para Cooperação e Econômica de Desenvolvimento. Diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. **Manual de Oslo**. Tradução de: Flávia Gouveia. FINEP, 1997.

ORTIGARA, Anacleto A *et al.* Análise por Agrupamento de Fatores de Desempenho das Incubadoras de Empresas. **Revista de Administração e Inovação**, v. 8, n. 1, art. 10, p. 64-91, 2011.

PADETEC. **Empresas incubadas**. Disponível em: <www.padetec.ufc.br>. Acesso em: 25 out. 2017.

PAVANI, Claudia. **O capital de risco no Brasil: conceito evolução perspectivas**. Rio de Janeiro: E- Papers Serviços Editoriais Ltda, 2003.

PEREIRA, Jaine A *et al.* A incubadora como intermediária de relacionamentos na percepção dos empreendedores: um estudo multicaso em incubadoras paranaenses. **Gestão e Sociedade**, v. 8, n. 19, p. 496-516, 2014.

PEREIRA, Maurício F *et al.* Fatores de inovação para a sobrevivência das micro e pequenas empresas no Brasil, **Revista de Administração e Inovação**, v. 6, n. 1, p. 50-65, 2009.

PORTER, Michael E. **Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. 18ª ed, São Paulo-SP: Campus, 1986.

RAUPP, Fabiano M; BEUREN, Ilse M. Knowledge management at Brazilian incubators. **Future Studies Research Journal: Trends and Strategies**, v. 2, n. 2, art. 22, p. 179-202, 2010.

ROTHWELL, Roy.; DODGSON, Mark. **Technology- based SMEs: their Role in Industrial and Economic Change**. Buckinghamshire, UK:Inderscience Enterprises, 1993.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SANTOS, Gilson D *et al.* Um estudo sobre indicadores de avaliação de Incubadoras de Base Tecnológica no Brasil. **Revista Capital Científico - Eletrônica**, v. 6, n. 1, p. 257-283, 2008.

SARQUIS, Aléssio B *et al.* Fatores de influência no processo de inovação em empresas de base tecnológica. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, Florianópolis, v. 14, n. 43, p. 38-50, dez. 2015.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1985.

SHEPHERD, Dean A.; ETTENSON, Richard; CROUCH, Andrew. New venture strategy and profitability: a venture capitalist's assessment. **Journal of Biusiness Venturing**, v. 15, p. 449 – 467, 2000.

SEBRAE, SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Relatório Especial: O Financiamento das MPE no Brasil**. 2017.

SILVA, Giuliano A. B.; LINARES, Ian M. P.; PASSADOR, João L. Orientação para o Mercado em Ambientes Usuais de Empreendimento versus Ambientes de Inovação por Incubadoras. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da FUNDACE**, v. 7, n. 1, p. 1-13, 2016.

SILVA, Silvana A.; BAETA, Adelaide M. C.; OLIVEIRA Janete L. Por que analisar a gestão das incubadoras de empresas de base tecnológica sob a ótica da Resource-Based View. **Read**, Porto Alegre, v.22, n. 3, p. 462-493, 2016.

SOUZA, Lieda A *et al.* Modelo de gestão em incubadoras e mapas de desempenho. **Revista Ciências Administrativas**, Fortaleza, v. 21, n. 1, p. 112-130, jan./jun. 2015.

STOROPOLI, José E.; BINDER, Marcelo P.; MACCARI, Emerson A. Incubadoras de empresas e o desenvolvimento de capacidades em empresas incubadas. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 35, p. 36-51, 2013.

TIDD, Joe; BESSANT, John; PAVITT, Keith. **Gestão da inovação**. 3. ed. Sussex: Bookman, 2008. 600 p.

TREVISAN, Marcelo; SILVA, Tania N. Programa primeira empresa inovadora: Uma possibilidade de operacionalização da hélice tríplice no Brasil. In: SIMPÓSIO DA GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, 26, 2010, Brasil. **Anais...** Brasil: 2010.

VARELLA, Sérgio R. D.; MEDEIROS, Jefferson, B. S.; SILVA JÚNIOR, Mauro T. O desenvolvimento da teoria da inovação schumpeteriana. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 32, 2012, Bento Gonçalves-RS. **Anais...**Brasil: 2012, 10 p.

WEBER, M.; SCHUMPETER, J. A ação econômica do empreendedor. **Revista Econômica Política**, São Paulo, v. 30, n. 2, abr./jun. 2010.

WOLFFENBUTTEL, Alexandre Pinto. **Avaliação do processo de interação Universidade-empresa em incubadoras universitárias de empresas**: Um estudo de caso na incubadora de empresas de base tecnológica da Unisinos. Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2001.

XAVIER, Wesley S.; MARTINS, Guilherme S.; LIMA, Afonso A. T. F. C. Capacitação gerencial nas Incubadoras de Base Tecnológica: proposição de um modelo matricial de avaliação. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 29, p. 88-111, 2011.

ZOUAIN, Deborah M.; SILVEIRA, Aristeu C. Aspectos estratégicos do modelo de gestão em incubadoras de empresas de base tecnológica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 4, n. 3, p. 1-14, 2006.

ZOUAIN, Desirée et al. Proposta de uma metodologia orientada para o uso em incubadoras de base tecnológica. **Revista Ciências Administrativas**, v. 14, n. 1, p. 43-53, 2008.

APÊNDICE A

Questionário enviado ao PADETEC



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE
CURSO DE FINANÇAS

Anexo B – Questionário aplicado à incubadora

Parte I: CARACTERIZAÇÃO DA INCUBADORA

1. Perfil da incubadora

1.1 Classificação da incubadora:

Tradicional (); tecnológica (); mista (); outra ().

1.2 Tipo de vínculo com a universidade:

Formal (); informal ().

Parte II: SUPORTE DAS INCUBADORAS

1. Suporte oferecido pela incubadora às empresas

Infraestrutura	Sim	Não
Secretaria		
Sala de reunião		
Biblioteca		
Auditório		
Laboratórios especializados		
Show room		
Restaurante		

2. Serviços oferecidos

Serviços oferecidos	Sim	Não
Orientação empresarial		
Consultoria em MKT		
Consultoria financeira		
Suporte em informática		
Apoio em propriedade		

intelectual		
Assistência jurídica		
Apoio para exportação		

Parte III: APRECIÇÃO DA RELAÇÃO COM AS INCUBADAS

1. Avaliação do papel da incubadora

Objetivos	Importante	Muito importante
Incentivo ao empreendedorismo		
Geração de empregos		
Desenvolvimento tecnológico		

2. Critérios de seleção de empresa

Seleção	Importante	Muito importante
Viabilidade econômica		
Aplicação de novas tecnologias		
Perfil dos empreendedores		
Potencial para rápido crescimento		
Possibilidade de interação com univ./centro pesquisa		
Número de empregos criados		

Parte IV: Questões abertas

1. Como o(a) Sr.(a) vê a incubadora e sua relação/contribuição para o desenvolvimento das empresas e a ela relacionadas (incubadas e graduadas)?

2. Em sua opinião, como a incubadora vem contribuindo para o desenvolvimento dessas empresas?

3. As empresas da incubadora estão aproveitando a estrutura/recursos (laboratórios, salas, técnicos, *know-how*, treinamentos) em seu processo de desenvolvimento?

4. Quais as barreiras e dificuldades nesse processo de interação entre incubadoras e empresas?

5. O que falta, em sua opinião, para a incubadora alavancar o desenvolvimento de suas empresas, contribuindo ainda mais para elas?

APÊNDICE B

Questionário enviado às empresas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE
CURSO DE FINANÇAS

Anexo A – Questionário aplicado às empresas

Parte I: PERFIL DA EMPRESA

1. Caracterização da empresa:

Nome da empresa: _____

Situação em relação à empresa: () incubada; () graduada

Área de atuação da empresa: _____

Data de fundação: _____

Tempo na incubadora: _____

2. Situação da empresa em relação a P&D:

Existência de atividade de P&D: tempo integral (); tempo parcial (); ausência de P&D (); P&D já executada ().

Atividade principal de P&D: P&D (); desenvolvimento de *software* (); *design*/eng. de produto (); produção e manufatura (); consultoria, análise e testes (); distribuição e vendas (); outras ().

Classificação das atividades de P&D: pesquisa básica (); pesquisa estratégica (); desenvolvimento de produto (); desenvolvimento de processo (); melhoria de desenvolvimento de produto (); melhoria de processo (); novas técnicas de gestão (); outras ().

Parte II: SUPORTE DADO PELA INCUBADORA

2.1 Suporte dado pela incubadora às empresas incubadas em relação à infraestrutura

Suporte da incubadora	Sim	Não
Secretaria		
Sala de reunião		
Biblioteca		
Auditório		

Laboratórios especializados		
Show room		
Restaurante		

2.2 Suporte dado pela incubadora quanto aos serviços oferecidos

Suporte da incubadora	Sim	Não
Orientação empresarial		
Consultoria em MKT		
Consultoria financeira		
Suporte em informática		
Apoio para cooperação com universidade Centro de pesquisa		
Apoio em propriedade intelectual		
Assistência jurídica		
Apoio para exportação		

Parte III: APRECIÇÃO DA RELAÇÃO COM A INCUBADORA

1. Há dificuldades e limitações no relacionamento com a incubadora? E com a universidade?

2. Em sua opinião, qual a maior contribuição observada com essa parceria?

3. Quais as barreiras e dificuldades nesse processo de interação entre incubadoras e empresas?

4. Em sua opinião, sem a incubadora/processo de incubação, o seu negócio empresa estaria no mesmo estágio de desenvolvimento que possui atualmente?

ANEXOS

Anexo “A”
Empresas graduadas pelo PADETEC

Quadro 5: Empresas graduadas pelo PADETEC.

EMPRESAS GRADUADAS		
EMPRESA	ÁREA DE ATUAÇÃO	PRODUTO
AGLODESTE – Aglomerados do Nordeste Ltda.	Construção civil.	Industria que utiliza como matéria prima o LCC (Líquido da Castanha de Caju) mediante polimerização e prensagem com resíduos agrícolas, obtendo como produto um compósito, material tipo compensado isolante.
ACP Biotecnologia.	Biotecnologia.	Água de coco em pó, <i>blends</i> de água de coco e frutas em pó, conservante celular, cicatrizante, cosméticos.
COOPANEI – Cooperativa de Produção, Assistência Técnica e Comercialização do Núcleo de Empreendedores em Irrigação Ltda.	Agricultura.	Mudas frutíferas, temporais e permanentes, selecionadas, certificadas e fiscalizadas, utilizando tecnologia avançada desenvolvida na EMBRAPA.
DESIDRATEC – Indústria e Comércio de Tecnologia de Desidratação Ltda.	Alimentos.	Alimentos desidratados.
INPA - Instituto de Pesquisa Aplicada.	Ciências Sociais e Humanas.	Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências sócias e humanas.
INVENTO – Projetos Tecnológicos Ltda.	Tecnologia e inovação.	Projetos tecnológicos.
Fotossensores – Tecnologia Eletrônica Ltda.	Tecnologia eletrônica.	Sistema de monitoramento de tráfego, compreendendo monitor de semáforo, barreira eletrônica e radar fixo.
HNR Indústria Comércio e Representação Ltda.	Engenharia mecânica.	Baterias dos fogões NG (Nova Geração).
LABONART – Laboratório Natural Indústria e Comércio Importação Exportação Ltda.	Cosméticos, saneantes e domissanitários.	NATULIMP, NEOCON, NEOPI, FLORA.
MANTECH SOLAR – Sistemas Eletrônicos Ltda.	Instalação e fabricação de máquinas.	Fabricação de gerador de corrente continua e alternada, peças e acessórios.
NATUCEL- Energia Solar Ltda.	Energia solar.	Células fotovoltaicas nano cristalinas utilizando corantes naturais de plantas nativas brasileiras.
NUTERAL- Indústria de Formulações Nutricionais Ltda.	Nutrição.	Formulações de nutricionais enteral ou oral constituindo-se de produtos para dieta de alta hospitalar e serviços de nutrição clínica.
NUTRIMAX Indústria, Comércio, Importação e Exportação Ltda.	Suplementos.	Suplementos alimentares.
PAN FLORA Ltda.	Biopropagação.	Mudas de plantas frutíferas e ornamentais.
Pectina do Brasil Ltda.	Alimentos funcionais.	Farinha de maracujá e desenvolvimento da extração da pectina da farinha do maracujá.

POLYMAR – Ciência e Nutrição S.A.	Produtos naturais.	Suplementos alimentares e fitoterápicos.
POLIQUIMICA S.A.	Química.	Derivados oleoquímicos naturais de origem vegetal.
POTÁGUA - Sistema para Tratamento de Águas Ltda.	Tecnologia.	Produtos e serviços para dessalinização de águas.
PRONAT- Produtos Naturais Ltda.	Química.	Produção de inseticida natural, acaricida natural e fungicida natural.
PROCARIRI - Produtos Naturais do Cariri Ltda.	Alimentação e cosmética.	Flavonoides, principalmente a rutina. Utilizada como complemento alimentar e fragilidade capilar.
SELACHII - Produtos Marinhos Indústria Comércio de Alimentos Ltda.	Alimentação e cosmética.	Fisioterápicos, suplementos alimentares e cosméticos, tendo por base o processamento de produtos naturais.
Sensor - Desenvolvimento Tecnológico Ltda.	Tecnologia.	Manutenção destinada a desenvolver produtos e processos relacionados com irrigação agrícola (automação e controle, válvulas hidráulicas e sensores para medições de umidade de solos).
TAPELINE Indústria e Comércio de Equipamentos Elétricos Ltda.	Equipamentos elétricos e eletrodomésticos.	Coqueteleira elétrica, secadora de roupas, mamadeira elétrica, extrator de óleo, antiferrugem automotivo.
TECHNOVIEW Engenharia Ltda.	Engenharia elétrica e informática (mídia eletrônica externa).	Desenvolvimento de projetos para viabilização de pequenos painéis eletrônicos utilizados em destinos de ônibus urbanos e interurbanos.
TECHNOACQUA Serviços de Consultoria Ltda.	Engenharia de pesca.	Cultivo em escala comercial, de peixes marinhos em uma Unidade de Produção Marinha.
TECHOZON Mundial Tecnologia de Ozonização – Indústria, Serviço e Representação Ltda.	Química industrial.	Fabricação de aditivos de uso industrial.
UNIVERSAL - Educação e Projetos Ltda.	Educação a distância.	Material para promover a transferência de tecnologia de produtos e processos necessários para a realização de bens e serviços.
URUBIO – Urucum, Indústria e Comércio Exportação ME.	Alimentos e Biocombustíveis.	Cultivo de plantas para condimento (comércio atacadista), exceto pimenta do reino e fabricação de biocombustíveis, exceto álcool.
FIX – Comércio de Produtos e Prestação de Serviços de Informática.	Mecânica fina, elétrica e eletrônica.	Gelatinha, equipamento para gelar instantaneamente latinhas de bebidas diversas.
OTHON - Indústria e Comércio de Alimentos Ltda. ME.	Alimentos e pratos prontos.	Pratos prontos à base de peixe; Linguiças (peixe e camarão); Bolinha e isca de peixe; Hambúrguer (peixe); Coxinha (caranguejo).
IONOR - Indústria Oléoquímica do Nordeste Ltda.	Química.	Projetos para a indústria de óleos vegetais.
MPR Indústria e Comércio de Produtos Alimentícios Ltda.	Alimentos.	Produção e comercialização de produtos de panificação funcionais.
GENE - Geração Eólica do Nordeste Indústria e Comércio Ltda.	Energia eólica.	Agrogerador na faixa de potência de 5kW a 50kW.
Alimentos Funcionais	Alimentos funcionais.	Pré-misturas funcionais, Pães, Bolos, Biscoitos e

do Brasil Indústria e Comércio Ltda.		massas funcionais. Produtos naturais e fitoterápicos.
EMETECH - Desenvolvimento Tecnológico Ltda.	Automação.	Válvulas hidráulicas magnéticas e adaptação de sensores comerciais para a medição da umidade do solo.
EMBRATRON - Empresa Brasileira de Eletrônicos Ltda.	Eletrônica.	Localizadores GPS, sistema de rastreamento pessoal e automotivo.
VENT7 Automação e Inovação em Tecnologia Ltda.	Automação e inovação tecnológica.	Equipamentos e acessórios de automação residencial.
SD Indústria e Comércio e Serviços Ltda. ME.	Cosmetaceuticos.	Tinturas para cabelos e sobrancelhas.
GEOMK Soluções & Trading	Tecnologia da informação.	Geomarketing.
COHIBRA – Comércio de Cocos Híbridos do Brasil Ltda.	Biotechnologia.	Extração do óleo da proteína do coco a partir de frutos maduros.
QNQ – Indústria e Comércio e Serviços Ltda.	Química (Nano Tecnologia e Nanoquímica).	Mix de produtos de limpeza, polimento e revestimentos protetivos para nano produtos.
Spirulina Brasil G&F Ltda. ME.	Aquicultura.	Spirulina.
Conexão Agro Ltda. ME.	Equipamentos e suprimentos de Informática.	Treinamento e desenvolvimento profissional e gerencial; portais, provedores de conteúdo e outros serviços de informática.
INOVAEDUC Consultoria em Mídias Digitais Ltda. EPP.	Educação (Cursos midiáticos, jogos sérios, aplicativos para dispositivos móveis).	Desenvolvimento de soluções tecnológicas, formação de profissionais, consultoria em tecnologia da informação, gerenciamento e acompanhamento de cursos online, desenvolvimento de sistemas de informação em apoio a educação, desenvolvimento de aplicativos para dispositivos móveis.

Fonte: PADETEC – Empresas incubadas assistidas. Disponível em <http://padetec.ufc.br> acesso em 06.11.2017.

Anexo “B”
Empresas incubadas pelo PADETEC

Quadro 6: Empresas incubadas pelo PADETEC.

EMPRESAS INCUBADAS		
EMPRESA	ÁREA DE ATUAÇÃO	PRODUTO
Queijos Don Afonso.	Alimentos funcionais, fabricação de laticínios.	Queijos tipo provolone, queijos desidratados com linhaça e sem lactose adicionados de substâncias específicas que os caracteriza como alimentos funcionais.
SIAC – Ambientes Inteligentes.	Mecânica fina, eletrônica e automação.	Vitrines interativas e automação de vitrines e lojas.
BIOTRENDS – Soluções Biotecnológicas.	Biotecnologia.	Desenvolver e melhorar processos ou produtos biotecnológicos no setor do Agronegócio e no tratamento e aproveitamento de resíduos industriais.
COFAB - Centro Tecnológico Serviço Ltda. ME.	Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências físicas e naturais.	Treinamento e desenvolvimento profissional e gerencial.
POLYQUIMICA - Indústria e Comércio Ltda. ME.	Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências físicas e naturais.	Medicamentos, cosméticos e produtos veterinários.
Whey no Palito Brasil Indústria e Comércio Alimentos Ltda.	Fabricação de sorvetes funcionais e outros gelados comestíveis com ingredientes funcionais.	Gelados e sorvetes funcionais.
INOVAEYE – Comércio, Indústria e Serviços Tecnológicos Ltda.	Tecnologia da informação e mobilidade urbana.	Produtos de <i>hardware</i> e <i>software</i> para mobilidade urbana.
TC – Indústria e Comércio de Materiais Médicos Ltda.	Fabricação de produtos cirúrgicos.	Cateteres para uso urológico.
MEGAWHATT Tecnologia.	Automação industrial e soluções elétricas para a indústria.	Poupa Água - solução de integração tecnológica.
Mais Inova Projetos Digitais Ltda.	Automação digital para hospitais.	Desenvolvimento de soluções digitais para maximizar o gerenciamento de leitos hospitalares.
IN Soluções Biológicas Ltda. ME.	Controle de pragas agrícolas.	Produção de insetos para controle biológico de pragas.
WANDERPATHS Soluções em Turismo Ltda.	Turismo.	Soluções inovadoras em turismo.
MINDTECH – Pesquisa e Desenvolvimento Científico Ltda.	Eletrônica; Equipamentos odontológicos; Pesquisa e desenvolvimento.	Dispositivo de anestesia odontológica controlada por computador.

GENE - Geração Eólica do Nordeste Indústria e Comércio Ltda.	Energia eólica.	Aerogerador na faixa de potência 5KW a50KW.
CNVBIOS Cosméticos.	Química/Farmacêutica.	Tônico capilar para homens e mulheres que sofrem queda de cabelo, assim como shampoo, condicionador e máscaras hidratantes.

Fonte: PADETEC – Empresas incubadas. Disponível em <http://padetec.ufc.br> acesso em 06.11.2017.

Anexo “C”
Empresas participantes da pesquisa

Quadro 7: Empresas participantes da pesquisa.

EMPRESAS PARTICIPANTES DA PESQUISA		
EMPRESA	ÁREA DE ATUAÇÃO	PRODUTO
COFAB - Centro Tecnológico Serviço Ltda. ME.	Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências físicas e naturais.	Treinamento e desenvolvimento profissional e gerencial.
WANDERPATHS Soluções em Turismo Ltda.	Turismo.	Soluções inovadoras em turismo.
Mais Inova Projetos Digitais Ltda.	Automação digital para hospitais.	Desenvolvimento de soluções digitais para maximizar o gerenciamento de leitos hospitalares.
CNVBIOS Cosméticos.	Química/ Farmacêutica.	Tônico capilar para homens e mulheres que sofrem queda de cabelo, assim como shampoo, condicionador e máscaras hidratantes.
Whey no Palito Brasil Indústria e Comércio Alimentos Ltda.	Fabricação de sorvetes funcionais e outros gelados comestíveis com ingredientes funcionais.	Gelados e sorvetes funcionais.
TECHNOACQUA Serviços de Consultoria Ltda.	Engenharia de pesca.	Cultivo em escala comercial, de peixes marinhos em uma Unidade de Produção Marinha.
IN Soluções Biológicas Ltda. ME.	Controle de pragas agrícolas.	Produção de insetos para controle biológico de pragas.
GEOMK Soluções & Trading.	Tecnologia da informação.	Geomarketing.
GENE - Geração Eólica do Nordeste Indústria e Comércio Ltda.	Energia eólica.	Aerogerador na faixa de potência 5KW a50KW.

Fonte: PADETEC – Empresas participantes da pesquisa. Disponível em <http://padetec.ufc.br> acesso em: 06.11.2017.